



C Â M A R A M U N I C I P A L D E L I S B O A

PROPOSTA N.º 1/2016

Assunto: Aprovar a proposta de candidatura do bem *Lisboa Histórica, Cidade Global* a inscrição na Lista Indicativa nacional do Património Mundial da UNESCO.

Pelouros: Reabilitação Urbana, Urbanismo e Cultura

Serviço: DMU e DMC

Considerando que:

A Lista Indicativa do Património Mundial da UNESCO dos Estados parte deve ser revista de dez em dez anos e que a Lista Indicativa de Portugal contava com dez anos de vigência, tendo caducado a 31 de dezembro de 2015;

A Comissão Nacional da UNESCO criou um Grupo de Trabalho Informal para a Atualização da Lista Indicativa de Portugal para a revisão da referida Lista e atualizar o registo dos respetivos bens;

A Câmara Municipal de Lisboa tem vindo a desenvolver a candidatura do bem *Lisboa Histórica, Cidade Global* para inscrição na Lista Indicativa nacional do Património Mundial da UNESCO.

A vinda a Lisboa do Arq.º Francesco Bandarin, Conselheiro Especial do Director-Geral Adjunto para a Cultura da UNESCO, em outubro de 2014, que confirmou a possibilidade de uma candidatura de Lisboa com a abordagem Paisagem Urbana Histórica e um território mais alargado;



C Â M A R A M U N I C I P A L D E L I S B O A

A proposta de candidatura tem a forma e a dimensão definidas para o preenchimento do formulário de candidatura e cumpre as *Orientações Técnicas para a Aplicação da Convenção do Património Mundial*. Compreende a descrição do bem, os seus elementos constitutivos e atributos, o reconhecimento do seu Valor Universal Excecional, a identificação dos critérios que cumpre, a declaração de autenticidade e/ou integridade e a comparação do bem, a nível nacional e internacional, com outros bens já inscritos ou não nas Listas do Património Mundial.

A proposta identifica, na *Lisboa Histórica*, dois momentos que constituíram marcos decisivos na evolução da cidade – os Descobrimentos, no século XV, e o terramoto, no século XVIII – momentos em que a cidade se atualizou adotando correntes de pensamento inovadoras. A cidade medieval cresceu até ao rio e transformou-se na cidade global que mais tarde se soube reconstruir como cidade iluminista. Desta evolução, em constante adaptação a um relevo complexo e afeiçoando-se à pré-existência, resulta a *Lisboa Histórica*, singular entrelaçado de tecidos urbanos, testemunho de uma história milenar de intercâmbio de culturas, povos e religiões.

O bem integra o território envolvido pela Cerca Fernandina, os núcleos de Santa Clara, São Vicente e Mouraria, os colégios jesuítas de Santo Antão-o-Novo e o Noviciado da Cotovia enquanto locais de ensino de matérias científicas que constituíram grande contributo para a navegação, o Bairro Alto e o Mocambo, na Madragoa, enquanto bairros gerados na sequência dos Descobrimentos, e a Frente Ribeirinha entre o Cais do Sodré e Santa Apolónia. Inclui ainda os miradouros de valor mais relevante. A zona tampão abrange a envolvente próxima do bem proposto e uma área mais vasta destinada a salvaguardar as relações visuais que com ele se estabelecem.

A proposta de candidatura foi apresentada ao Grupo de Trabalho Informal para atualização da Lista Indicativa em 16 de dezembro de 2015;

Temos a honra de propor que a Câmara Municipal de Lisboa delibere, nos termos do disposto no artigo 33º n.º 1 al. t) do Anexo I à Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, aprovar a



C Â M A R A M U N I C I P A L D E L I S B O A

proposta de candidatura do bem *Lisboa Histórica, Cidade Global* a inscrição na Lista Indicativa Nacional do Património Mundial da UNESCO.

Lisboa, Paços do Concelho, 13 de janeiro de 2016

O Vereador

Manuel Salgado

A Vereadora

Catarina Vaz Pinto



C Â M A R A M U N I C I P A L D E L I S B O A

ATA EM MINUTA

Nos termos e para os efeitos do artigo 57º da Lei n.º 75/2013, de 12 de Setembro, bem como o disposto no artigo 19º nº 2 do Regimento da CML, foram deliberadas na Reunião de Câmara de 13 de janeiro de 2016, a moção o voto de congratulação e as propostas a seguir discriminadas, constituindo o presente documento, bem como os originais dos referidos documentos, a ata em minuta:

Apreciação e aprovação das atas n.ºs 87 e 89 das reuniões de Câmara de 11 e 25 de novembro de 2015

(Aprovadas por unanimidade)

Moção n.º 1/2016

(Subscrita pelo Sr. Vereador João Gonçalves Pereira)

Aprovar a Moção Da necessidade de alargar o prazo de discussão da obra prevista para a 2ª Circular de Lisboa, nos termos da moção;

Rejeitada por maioria com a seguinte votação:	A favor	Contra	Abstenções
	6 (3PPD/PSD, 1CDS/PP e 2PCP)	9 (6PS e 3Ind.)	-----

Voto de Congratulação (Subscrito pelo Sr. Vereador Jorge Máximo) n.º 1/2016

Aprovar o Voto de Congratulação ao Clube de Campismo de Lisboa pela comemoração do seu 75.º aniversário, saudando, por esta via, todos os seus dirigentes, atuais e anteriores, bem como todos os seus associados e atletas, nos termos do voto de congratulação;

(Aprovado por unanimidade)



C Â M A R A M U N I C I P A L D E L I S B O A

Proposta n.º 1/2016

(Subscrita pelo Sr. Vereador Manuel Salgado e pela Sr.ª Vereadora Catarina Vaz Pinto)

Aprovar a proposta de candidatura do bem *Lisboa Histórica, Cidade Global* a inscrição na Lista Indicativa Nacional do Património Mundial da UNESCO, nos termos da proposta;

(Aprovada por unanimidade)

Proposta n.º 2/2016

(Subscrita pelo Sr. Vereador Manuel Salgado)

Aprovar a proposta de alteração ao Regulamento Geral de Estacionamento e Paragem na Via Pública, no que respeita à definição das Zonas de Estacionamento de Duração Limitada, nos termos da proposta;

(Adiada)

Proposta n.º 3/2016

(Subscrita pelo Sr. Vereador João Paulo Saraiva)

Aprovar as normas de funcionamento do Fundo de Desenvolvimento Turístico de Lisboa (TTM), nos termos da proposta;

Aprovada por maioria com a seguinte votação:	A favor	Contra	Abstenções
	10 (7PS e 3Ind.)	6 (3PPD/PSD, 1CDS/PP e 2PCP)	-----

Proposta n.º 4/2016

(Subscrita pelo Sr. Vereador João Paulo Saraiva)

Ratificar o despacho do Senhor Presidente da CML, que aprovou a 1ª alteração orçamental, nos termos da proposta;

Aprovada por maioria com a seguinte votação:	A favor	Contra	Abstenções
	12 (7PS, 3Ind. e 2PCP)	3 (2PPD/PSD e 1CDS/PP)	-----



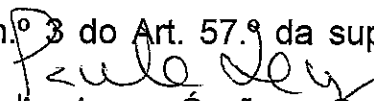
C Â M A R A M U N I C I P A L D E L I S B O A

Proposta n.º 29/2016

(Subscrita pelo Sr. Vereador Jorge Máximo)

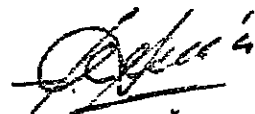
Aprovar a atribuição da Medalha Municipal de Mérito Desportivo a Vasco Santos Resende, nos termos da proposta;

(Aprovada por unanimidade)

Nos termos do n.º 3 do Art. 57.º da supra citada Lei n.º 75/2013, de 12 de Setembro eu,  Directora do Departamento de Apoio aos Órgãos e Serviços do Município mandei lavrar.

Paços do Concelho, em 13 de janeiro de 2016

O Presidente


- Fernando Medina -

FORMULÁRIO PARA SUBMISSÃO À LISTA INDICATIVA

ESTADO PARTE:

DATA DE SUBMISSÃO:

Submissão preparada por:

Nome: Arq. Manuel Salgado

E-mail: gab.manuel.salgado@cm-lisboa.pt

Morada: Campo Grande, 27-2E 1744-099 Lisboa

Fax:

Instituição: Câmara Municipal de Lisboa

Telefone: +351 213 501 370

Nome do Bem: Lisboa Histórica, Cidade Global

Estado, Província ou Região: Distrito e concelho de Lisboa

Latitude e Longitude, ou coordenadas UTM: 38°42'27"N 9°8'11"E

DESCRIÇÃO

Lisboa é testemunho do encontro e da troca de culturas que nela se têm manifestado ao longo dos séculos. Desde logo pelos diversos povos que nela se instalaram, a partir do século VII a.C., e que deixaram os seus traços culturais, até à globalização gerada pelos Descobrimentos, quando a cidade foi perscrutadora da exploração marítima dos séculos XV e XVI que a tornaram o maior porto atlântico da Europa, tendo então inspirado a construção de novas cidades em todos os continentes.

Na sequência do extenso diálogo de civilizações que estabeleceu com a Europa, África, América e Oriente, que se reflecte na Cidade Histórica, Lisboa distingue-se pela excelente articulação dos traçados urbanos diversificados e edifícios notáveis que a caracterizam, testemunhos da herança das culturas romana, islâmica e europeia, e pela singularidade da sua adaptação a um território acidentado, que se prolonga até à frente ribeirinha, palco de partidas e chegadas dos Descobrimentos, mescla de monumentos, praças e património portuário, expressão de uma intensa atividade marítima e comercial.

Entre colinas pontuadas por miradouros que desvendam vistas de valor cénico excecional, destaca-se o traçado urbano de cariz iluminista, desenhado segundo o original Plano Pombalino, concebido na sequência do violento terramoto de 1755 que destruiu o centro da cidade.

Lisboa tem em curso um vasto programa de valorização ambiental, paisagística e cultural de todo este património. O reforço da relação cidade-rio-porto é o auge deste programa, já viabilizado e em curso através de uma eficaz cooperação institucional. A Lisboa contemporânea valoriza a Lisboa ancestral, redescobre o rio e requalifica a frente ribeirinha. Salvaguarda o seu património arquitetónico, arqueológico, industrial e portuário, integrando-o em novos espaços adaptados a funções culturais e de lazer. É uma cidade que se atualiza de uma forma sustentável.

Como um palimpsesto, a cidade testemunha as transformações sucessivas para se adaptar a novas dinâmicas, desde as operadas pelo assoreamento do rio até à reconstrução após os violentos terramotos que a abalaram, promovendo a reintegração dos valores do passado, que lhe permitem criar a narração da sua história.

Esta cidade multifacetada foi o palco de múltiplas expressões culturais que manteve e reinterpreta e que lhe conferem especificidade, preservando a identidade cultural e reforçando o enraizamento da

população. O azulejo, a calçada artística e o fado, que recentemente integra a Lista do Património Imaterial da Humanidade, são expoentes máximos destas expressões culturais.

O bem proposto inclui as seguintes áreas da cidade:

O território envolvido pela Cerca Fernandina, onde se localizam as mais antigas estruturas defensivas da cidade bem como as mais remotas ocupações de Lisboa - Castelo, Sé, Alfama, Baixa, Chiado e Pena - estruturas e bairros representativos das influências das civilizações do período romano, islâmico, medieval e iluminista. São também incluídos os núcleos contíguos da Mouraria, de São Vicente e de Santa Clara, de génese medieval.

O antigo Colégio jesuíta de Santo Antão-o-Novo, construído no século XVI e de elevado valor cultural, não só enquanto património construído mas também porque nele foram leccionadas, de forma inovadora, matérias científicas que deram grande contributo para a navegação.

O Bairro Alto, de cariz renascentista, construído na sequência do surto demográfico após os Descobrimentos. Estende-se até à frente ribeirinha através do bairro da Bica, de excecional topografia resultante de um sismo a que o tecido urbano se afeioou. É ainda incluído o bairro quinhentista do Mocambo, na Madragoa, junto ao acesso ocidental da cidade, então um arrabalde de pescadores e negros.

O Noviciado da Cotovia, colégio jesuíta criado no século XVII, responsável pela formação científica dos alunos, o Jardim Botânico que lhe está associado, que reúne vasta diversidade de espécies vegetais, com destaque para espécies de floras antigas e de origem tropical, e a vizinha Praça do Príncipe Real, onde a Companhia de Jesus iniciou a construção de um colégio, destruído pelo terramoto.

E a Frente Ribeirinha, entre o Cais do Sodré e Santa Apolónia, área de aterros desde a época Manuelina.

Dentre os miradouros, espaços privilegiados que proporcionam vistas panorâmicas sobre os elementos característicos da paisagem urbana e o rio, incluem-se os de valor mais relevante: Santa Catarina, São Pedro d'Alcântara, Castelo de São Jorge, Graça, Campo de Santa Clara, Portas do Sol e Santa Luzia.

A zona tampão abrange a envolvente próxima do bem proposto e uma área mais vasta destinada a salvaguardar as relações visuais que com ele se estabelecem.

Face à fisiografia característica da paisagem urbana de Lisboa, o sistema de vistas é composto por um conjunto de subsistemas, que foram considerados na delimitação da zona tampão:

- Frente ribeirinha: que protege as relações visuais com o estuário e o rio;
- Pontos dominantes e cumeadas principais: onde se estabelecem relações visuais com o território envolvente, estendendo-se até à primeira linha de talvegue;
- Vales: onde se estabelecem relações visuais com as encostas e as zonas baixas da cidade, assumindo especial importância os vales da Av. da Liberdade e da Av. Almirante Reis.

Para o bem proposto encontram-se em vigor o PDM e planos de urbanização e de pormenor. Atualmente, 70% da área encontra-se abrangida por planos de salvaguarda e de reabilitação urbana eficazes ou em elaboração. A realização e aprovação destes instrumentos de gestão territorial processam-se com o envolvimento e participação das populações e das forças vivas dos bairros, designadamente associações e representantes das atividades económicas.

JUSTIFICAÇÃO DO VALOR UNIVERSAL EXCECIONAL

A Lisboa Histórica é o testemunho material e imaterial das influências dos diferentes povos e culturas que nela se cruzaram, excelente exemplo de intercâmbio e de diálogo de civilizações. O seu valor universal excecional fundamenta-se nas seguintes razões:

Papel inigualável na globalização gerada pelos Descobrimentos, a partir do século XV, na qual os portugueses foram percursores, com consequências profundas na história da Humanidade, no conhecimento do mundo, dos seus povos e recursos, e na relação entre a Europa e o novo mundo, a África Austral, o Oriente e a América;

Importância e protagonismo duradouro do porto no comércio internacional ao longo de mais de dois milénios, culminando com a exploração marítima dos séculos XV e XVI e como local de trocas comerciais das rotas de navegação que se consolidaram nos séculos seguintes, responsáveis pela circulação de novos bens entre os diversos continentes;

Singular interligação dos tecidos urbanos e reapropriação de valores de diferentes épocas, cada uma com diferentes traçados urbanos, tipologias arquitetónicas e distintas adaptações a um território de morfologia complexa. A estrutura urbana de Lisboa revela a sobreposição de sucessivas ocupações dos períodos romano, islâmico e medieval, hoje reconhecíveis nos bairros do Castelo, Sé, Alfama e Mouraria, pelas características orgânicas dos traçados urbanos. Conserva ainda bairros que lhe conferem identidade, destacando-se os de cariz renascentista como o Bairro Alto, construído face ao surto demográfico dos Descobrimentos, formado por uma quadrícula com hierarquização dos arruamentos, e o Mocambo, também de traçado ortogonal;

Estes bairros foram habitados em continuidade e mantêm múltiplas expressões culturais que lhe conferem especificidade, expressões que se foram sedimentando e reinventando, mantendo a identidade cultural e reforçando o enraizamento da população;

Primeira cidade moderna do Ocidente, devido à reconstrução de feição iluminista realizada após o sismo de 1755. Com o Plano Pombalino, que privilegia a uniformidade, ordem, sobriedade e padronização, o centro de Lisboa renova-se segundo um modelo racional e inovador: adota o quarteirão como unidade de projeto, hierarquiza as fachadas e estratifica usos em altimetria, recria sistemas de fundações e estruturais, normaliza desenhos de fachadas, define regras de proteção contra o risco sísmico (gaiola pombalina), e contra o risco de incêndio (paredes corta-fogo), projeta uma rede de saneamento e define um método inovador de redistribuição proporcional da propriedade, hoje designado como perequação; o Plano opta pela salvaguarda da memória através da integração urbanística de espaços e de edifícios subsistentes.

Paisagem urbana singular da qual sobressaem edifícios de carácter monumental e miradouros que permitem uma sucessão de pontos de vista de elevada qualidade cénica, estabelecendo relações visuais entre colinas, vales, frente ribeirinha e sobre o rio, numa multiplicidade ímpar de paisagens e de visões do território, em que a luz se reflete na cor e brilho dos materiais em diversos planos.

O bem proporciona **testemunhos visíveis da herança de culturas** muito significativas da história da humanidade, bem como reflexos de influências de outros continentes, e apresenta uma ampla diversidade de vestígios arqueológicos, arquitetónicos e decorativos, quer sejam de carácter defensivo, como as cercas de

Lisboa, religioso, presente em igrejas e conventos, residencial e administrativo ou de infraestruturas, como as de abastecimento de água, representativos das sucessivas fases de desenvolvimento da cidade.

Lisboa contribuiu para o intercâmbio de ideias e conhecimentos, como local de encontro de diferentes povos e culturas, em especial a partir da época dos Descobrimentos, quando desempenhou um papel de relevo na evolução dos conhecimentos de navegação, estratégia e logística, inerentes às expedições. Influenciou concepções urbanísticas e arquitetónicas nos diferentes continentes em que os portugueses se estabeleceram, nomeadamente através da aplicação dos modelos da Frente Ribeirinha e da Baixa Pombalina. Também no património paisagístico se revela o cruzamento de culturas em jardins que conservam, até hoje, coleções ímpares de espécies vegetais dos diversos continentes, testemunhos vivos da importância dos Descobrimentos no intercâmbio de plantas no mundo.

Múltiplas expressões culturais manifestam a universalidade do bem proposto. Inúmeras representações e descrições, feitas por artistas e escritores de diferentes nacionalidades e épocas fazem da Lisboa Histórica uma das cidades mais comentadas e representadas do mundo. A excepcionalidade do fado e do azulejo são expoentes máximos destas expressões culturais.

Em suma, os Descobrimentos no século XV e o terramoto no século XVIII constituíram marcos decisivos na evolução da cidade, momentos em que se atualizou adotando correntes de pensamento inovadoras. A cidade medieval cresceu em direcção ao rio e transformou-se na cidade global que mais tarde se soube reconstruir como cidade iluminista. Desta evolução, em constante adaptação a um relevo complexo e afeiçoando-se à pré-existência, resulta a Lisboa Histórica, singular entrelaçado de tecidos urbanos, testemunho material de uma história milenar de intercâmbio de culturas, povos e religiões. É este o **Valor Universal Excepcional da Lisboa Histórica, Cidade global**.

Do ponto de vista da protecção do bem, atualmente este inclui vários edifícios e conjuntos de edifícios com protecção legal a nível nacional. Daqui decorre que a análise de qualquer intenção de intervenção urbanística é feita pela Direcção Geral do Património Cultural, que tem por missão a gestão, salvaguarda, valorização, conservação e restauro dos bens que integram o património cultural imóvel, móvel e imaterial a nível nacional. Cada edifício com protecção legal tem definida uma área de protecção onde as intenções de intervenção urbanística carecem igualmente de parecer desta entidade.

Em complemento, ao nível municipal, todos os bens culturais imóveis de reconhecido interesse arquitetónico, histórico, paisagístico, arqueológico e geológico integram a estrutura patrimonial da cidade e têm regras de intervenção definidas no Plano Diretor Municipal (PDM). Para estes, cada intenção de intervenção é precedida de análise e caracterização do edifício e identificados os valores a salvaguardar e o grau de intervenção permitido.

Após a inclusão na Lista do Património Mundial pela UNESCO, os bens culturais imóveis passam a integrar a lista dos bens classificados como de interesse nacional (Lei 107/2001), o que configura um fator importante na garantia da conservação do bem, no longo prazo. A zona tampão incluída na lista do património mundial passará a corresponder a uma zona especial de protecção (DL 309/2009).

O sistema de vistas encontra-se identificado e salvaguardado no PDM.

Quanto ao estado de conservação do bem proposto, tem havido um forte investimento na requalificação do espaço público, pelo que este se apresenta, predominantemente, em bom estado. Quanto aos

edifícios encontram-se, na maioria, em razoável estado de conservação. Na realidade, em levantamento realizado em 2012 com atualizações posteriores, para um total de 5027 edifícios, 42% encontram-se em bom e excelente estado de conservação, 43% em estado de conservação médio e 15% em mau e muito mau estado de conservação.

Lisboa é uma cidade com vulnerabilidades, onde se verificam várias ameaças, naturais e antrópicas.

Fenómenos naturais: São mais relevantes os sismos, para os quais estão definidas medidas preventivas e/ou mitigadoras, e se desenvolveu legislação específica relativa ao edificado. Em caso de ocorrência de sismo está planeada a intervenção concertada de várias instituições: Proteção Civil, Corpos de Bombeiros, Forças de Segurança, Forças Armadas e serviços de Saúde.

Para outros, como inundações e efeito de maré, a implementação da estrutura ecológica municipal e a sua conectividade com o rio tem sido fundamental na minimização destes riscos. Está igualmente em curso a concretização de um novo Plano de Drenagem.

Dinâmica populacional: os dois maiores problemas são o envelhecimento da população e o processo de despovoamento da cidade. Quanto ao primeiro, o Município realizou e tem programadas iniciativas mitigadoras, destacando-se a requalificação do espaço público, a promoção de mobilidade suave e inclusiva bem como a motivação do uso dos transportes públicos em detrimento do transporte individual. O processo de despovoamento da cidade já tem sinais de inversão verificados na última década. A reabilitação do edificado, nomeadamente através de programas de financiamento e de incentivos fiscais, bem como a criação de equipamentos, sobretudo de proximidade, são a aposta do Município para contrariar este fenómeno.

Operações urbanísticas: Uma das ameaças será a realização de intervenções lesivas no património, que ponham em risco a sua autenticidade. Tanto o PDM como os planos de salvaguarda e de reabilitação urbana em vigor e em elaboração, definem regras de intervenção adequadas. Numa cidade como Lisboa, também a protecção dos enfiamentos visuais é vital. Os sistemas de vistas estão salvaguardados pelo PDM e, conseqüentemente, a construção em altura devidamente balizada;

Turismo: O aumento do número de turistas que se verifica atualmente em Lisboa, e que se concentra fundamentalmente na Lisboa Histórica, pode constituir uma ameaça à qualidade urbana e à identidade dos bairros. Nesta altura o município está a realizar estudos sobre este impacto de modo a definir uma estratégia de atuação. A cidade tem-se organizado para dar resposta a esta solicitação através da criação de infraestruturas, da requalificação de equipamentos, nomeadamente culturais, da melhoria de acessibilidade e da criação de zonas de estadia e lazer. Simultaneamente, o Plano Estratégico para o Turismo na Região de Lisboa 2015-2019 prevê um conjunto de medidas para posicionar a região num novo patamar de excelência turística.

Estas medidas procuram fazer face às ameaças que recaem sobre Lisboa. É fundamental a realização concertada de todas as medidas previstas para a Lisboa Histórica através de um plano de gestão integrado, que o reconhecimento como Património Mundial prevê.

CRITÉRIOS PREENCHIDOS

O bem proposto responde aos critérios i), ii), iii), iv) e vi):

Critério (i) - Obra-prima *representar uma obra-prima do génio criativo humano*

Lisboa concentra um notável conjunto de traçados urbanos, orgânicos, renascentistas e iluministas, que se relacionam entre si e se adaptam a um território de relevo complexo de uma forma particular, criando uma paisagem urbana histórica de excecional diversidade.

Destes destaca-se a Baixa Pombalina, construída na sequência do terramoto de 1755, exemplo único de modernidade no período iluminista, resultado de um plano racional e vanguardista desenvolvido por Eugénio dos Santos sob o comando do Marquês de Pombal. Obra-prima do génio criativo humano, respeita e integra preexistências e conjuga sistemas inovadores ao nível urbanístico, arquitetónico, construtivo, de segurança e de distribuição da propriedade.

Critério (ii) - Intercâmbio de influências *ser um testemunho de um intercâmbio de influências considerável, durante um dado período ou numa determinada área cultural, sobre o desenvolvimento da arquitetura ou da tecnologia, das artes monumentais, do planeamento urbano ou da criação de paisagens*

Lisboa é um testemunho excecional de intercâmbio de valores humanos ao longo de quase três mil anos, num local de grande importância estratégica, onde as tradições culturais europeias e da bacia do Mediterrâneo se uniram para criar uma vigorosa comunidade mercantil-marítima, que se expandiu e influenciou o Atlântico Sul e o Índico, a partir do século XV.

Através da paisagem urbana, dos traçados, da arquitetura, das artes decorativas e de diversas manifestações culturais, a cidade reflete a grande mistura de influências que recebeu ao longo das diversas fases da sua construção e da sua transformação.

A influência que Lisboa exerceu sobre o desenvolvimento do urbanismo, da arquitetura, das técnicas construtivas, das artes decorativas e dos sistemas defensivos e portuários é considerável, em especial nos entrepostos comerciais e nas cidades fundadas pelos portugueses nos diversos continentes.

Critério (iii) - Testemunho ímpar de tradição cultural *constituir um testemunho único ou, pelo menos, excecional de uma tradição cultural ou de uma civilização viva ou desaparecida*

Cidade milenar, Lisboa é um testemunho excecional da globalização iniciada pelos navegadores portugueses no século XV, quando se tornou líder nas rotas do comércio marítimo entre o Oriente e o Ocidente, desde o Atlântico Sul ao Índico, como atestam os seus monumentos e vestígios de um tempo passado.

Critério (iv) - Exemplo excecional de conjunto arquitetónico ou tecnológico *representar um exemplo excecional de um tipo de construção ou de conjunto arquitetónico ou tecnológico ou de paisagem que ilustre um ou mais períodos significativos da história humana*

Lisboa constitui um exemplo notável de adaptação a condições geomorfológicas difíceis e de integração de valores culturais do passado na evolução da sua paisagem urbana e da arquitetura, ao longo do último milénio.

A área do bem é o exemplo de um entrelaçado de tecidos urbanos de distintas épocas com inúmeros edifícios históricos, que pela sua diversidade a diferenciam das outras cidades da mesma área geocultural, da Europa e do Magrebe.

Estas características verificam-se nas diversas colinas, pela complexidade dos tecidos urbanos dos períodos romano, islâmico, medieval e renascentista e proeminência de alguns edifícios notáveis; na

Baixa Pombalina, pela originalidade do urbanismo de cariz iluminista; e na frente ribeirinha, de estreitas margens e aterros artificiais, com traçados urbanos regulares e grandes praças, onde as atividades comerciais se desenvolvem em torno do porto.

Critério (vi) – Imaterial *Estar direta ou materialmente associado a acontecimentos ou a tradições vivas, ideias, crenças ou obras artísticas e literárias de significado universal excepcional*

Lisboa manteve manifestações culturais ancestrais que conferem identidade aos seus bairros e reforçam o enraizamento das suas populações.

A cidade criou novas formas de expressão que lhe conferem uma identidade própria. O azulejo, a calçada artística e o fado são o expoente máximo desta expressão cultural.

Três milénios de vida e a sua localização privilegiada no estuário do Tejo e à beira do Atlântico fizeram dela umas das cidades com mais representações visuais históricas e referências literárias.

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE E/OU INTEGRIDADE

Lisboa é uma cidade evolutiva cuja excecionalidade resulta da sobreposição das sucessivas civilizações e épocas históricas. O seu tecido urbano é o reflexo de uma contínua e milenar ocupação do território, intercalada por momentos fraturantes, quando a cidade testemunha terremotos devastadores, e por transformações realizadas para se adaptar a novas dinâmicas. Não obstante este facto, Lisboa conserva estruturas características das diversas etapas da sua evolução, tanto ao nível da organização do espaço como de edifícios relevantes, e detém os elementos necessários à expressão do seu valor universal excecional.

A estrutura urbana de Lisboa desenvolveu-se a partir de uma rede de acessos ancestrais que se estabeleceram ao longo do rio, para oriente, ocidente e para o interior, ainda hoje presentes e relevantes no ordenamento da cidade, comprovado em diversas fontes cartográficas e iconográficas, de que são exemplo a *Panorâmica de Lisboa*, patente na Biblioteca da Universidade de Leiden, da primeira metade do século XVI, a *Vista de Lisboa antes do Terramoto de 1755*, de J.P. Aragão, de 1836, a *Vista e perspectiva da Barra, Costa e Cidade de Lisboa*, de Bernardo Caula, de 1763, a *Planta da cidade de Lisboa*, de João Souza, de 1875, e também o painel azulejar *Grande Panorama de Lisboa*, com representação da frente ribeirinha entre Algés a Xabregas, atribuído a Gabriel Del Barco, de 1695.

Os núcleos mais antigos da cidade preservam o seu traçado medieval, reconhecível nos bairros de Castelo, Sé, Alfama e Mouraria, conservando importantes vestígios de estruturas civis, defensivas e produtivas da época romana, de que são exemplo o Teatro Romano, identificado no *Mapa geral das escavações que se fez perto da Rua de S. Mamede por baixo do castelo desta Cidade de Lisboa*, de 1798, atribuído a Francisco Fabri, o criptopórtico da Baixa, os vestígios da muralha e as cetárias de *garum* que se estendem da Casa dos Bicos à Rua Augusta. Da ocupação islâmica, são reconhecíveis traçados urbanos bem como vestígios arqueológicos, nomeadamente os que integram o Núcleo Arqueológico do Castelo de São Jorge e os que se localizam sob a Sé Catedral.

Os bairros de génese renascentista como o Bairro Alto mantêm a sua autenticidade tanto ao nível da estrutura urbana e tipológica, como das vivências, temática que tem sido alvo de diversos estudos nomeadamente os desenvolvidos por vários olissipógrafos e outros autores, em obras como *Bairro Alto*,

tipologias e modos arquitectónicos, de Helder Carita e na recente publicação *Bairro Alto, mutações e convivências pacíficas*, coordenada por este autor.

Relativamente ao período de expansão marítima, o bem proposto reflete o papel importante que Lisboa desempenhou no processo de globalização. A obra recentemente publicada *The global city. On the streets of the renaissance Lisbon*, relativo a duas pinturas da Society of Antiquaries of London, datadas de c.1550-1600 representando a Rua Nova dos Mercadores, são a prova do quanto Lisboa era uma cidade global.

Embora algumas construções relevantes, erigidas para dar resposta à necessidade premente de estruturas utilitárias de apoio à expansão, nomeadamente ligadas à atividade marítima e comercial, bem como edifícios representativos do poder, como o Paço Real, tenham sido destruídas pelo sismo de 1755, permanecem no território marcas deste processo de expansão urbana. A frente ribeirinha, onde sucessivos aterros e embarcadouros, iniciados ainda no século XV, transformaram a linha de contacto com o rio, alterações registadas na *Carta Topográfica de Lisboa*, de 1871, apresenta ainda estruturas ligadas à exploração marítima, nomeadamente tercenas, chafarizes e estruturas de construção e reparação de embarcações, identificadas em estudos como *A Ribeira de Lisboa na época da expansão portuguesa (séculos XV a XVIII)*, de Carlos Caetano, e como se tornou evidente em recentes intervenções no espaço público, como na Ribeira das Naus e na Praça D. Luís, que resgataram um importante património arqueológico.

O bem retém ainda outros testemunhos históricos associados à exploração marítima, como a sala da Aula da Esfera, no Colégio de Santo Antão-o-Novo, onde foram leccionadas, entre 1590 e 1759, importantes temas científicos ligados à navegação, ou o Jardim Botânico hoje integrado na Universidade de Lisboa, onde se conservam coleções ímpares de espécies vegetais provenientes dos diversos continentes.

Quanto à Baixa Pombalina, o seu plano urbanístico foi posto em prática a partir da sua conclusão em 1758. O *Cartulário Pombalino*, conjunto documental produzido pela Casa do Risco das Reais Obras Públicas de Lisboa, que traduzia a efetiva prática da arquitetura e o estabelecimento de normas e tipificação de processos construtivos que caracterizaram o plano regulador da reconstrução pós terramoto. Estudos recentes que contribuem para a datação dos edifícios comprovam que grande parte destes foi construída até ao final da primeira década do século XIX. Atualmente a estrutura viária e configuração dos quarteirões, bem como o desenho e a forma das fachadas e o ritmo dos vãos de um número significativo de edifícios, mantêm-se inalterados, verificando-se que as modificações pontuais não põem em causa a leitura e integridade do conjunto. Ao longo do tempo, a necessidade de proceder a alterações funcionais em diversos edifícios veio revelar a grande versatilidade dos espaços gerados pelo plano. Dos diversos estudos sobre a Baixa Pombalina, destacam-se as obras incontornáveis de José-Augusto França e a publicação "Lisboa, o Plano da Baixa hoje", catálogo da exposição realizada no âmbito da comemoração dos 250 anos do plano, que proporcionou uma reflexão alargada sobre o tema. Na Lisboa Histórica localizam-se múltiplos edifícios de reconhecido valor histórico-patrimonial, representativos de diferentes épocas e que se encontram, predominantemente, em bom estado de conservação. Muitos testemunham transformações, decorrentes de obras realizadas após os grandes sismos ou devidas à adaptação a novas funções no património religioso na sequência da extinção das ordens religiosas em Portugal no século XIX.

O bem evidencia uma grande diversidade de técnicas construtivas e de materiais utilizados ao longo de várias épocas, de que são exemplo a execução de fundações em estacaria, a construção de paredes em taipa e adobe, as paredes de frontal e tabique, as estruturas em gaiola, os paramentos em perpianho calcário, os emolduramentos em cantaria, os revestimentos em azulejo, os pavimentos em calçada de calcário e basalto e as coberturas em telha cerâmica, materiais que refletem e valorizam a luz excecional de Lisboa.

A morfologia complexa que caracteriza o bem mantém-se intacta, desde as cumeadas até à frente ribeirinha. A integridade visual do bem, parte fundamental da identidade da sua paisagem urbana, encontra-se preservada relativamente aos pontos de vista dominantes. Os principais miradouros oferecem vistas privilegiadas sobre os bairros históricos que preenchem colinas e vales. A vista a partir do rio oferece ainda uma perspetiva clara do conjunto urbano, em que é imediata a percepção do núcleo islâmico-medieval, na principal elevação, e da baixa iluminista, na zona de confluência dos dois vales.

Os vários planos para assegurar a protecção, conservação, revitalização e gestão das diversas áreas que fazem parte do bem proposto visam promover a preservação do seu carácter histórico e patrimonial e a sua transmissão às gerações futuras, através de uma evolução controlada, da melhoria da qualidade ambiental e, de um modo geral, da sua valorização de forma sustentável.

Todo o bem se encontra em território consolidado. Bem conscientes da importância da manutenção das características deste território, os planos, tanto em vigor como em elaboração, são muito restritivos em matéria de demolições, e determinam uma atuação ponderada sobre o território.

COMPARAÇÃO COM BENS SIMILARES

A partir do valor universal excecional de Lisboa, foram identificadas sete características que constituíram critérios para selecção das cidades para comparação. Esta incidiu sobre cidades cujo desenvolvimento se deveu a uma atividade portuária e comercial relevante num período histórico significativo, que estiveram ligadas à exploração de rotas marítimas e em que a paisagem urbana conservou as marcas das sucessivas fases da sua evolução e influências. Outro critério foi a presença de características iluministas nas cidades. A comparação abrangeu também a articulação entre os diversos tecidos urbanos e destes com a morfologia do território e, ainda, a possibilidade de se estabelecerem relações visuais cénicas. Tal como Lisboa, estas cidades apresentam manifestações culturais específicas que espelham influências e intercâmbios com as culturas com que se relacionaram.

Foram seleccionadas vinte e seis cidades onde se observam algumas destas características. Foi realizada comparação relativamente às quinze onde se verificam mais características (em anexo a comparação com as restantes).

A comparação é feita com cidades que se enquadram na mesma área temática, inscritas ou não nas Listas do Património Mundial da UNESCO. Os contextos geográficos são: nacional, mediterrâneo, norte da Europa e América do sul.

Contexto nacional

Angra do Heroísmo: Enquanto Lisboa manteve um papel fulcral como centro de trocas e comércio, e ainda como centro de conhecimento, base logística e de construção naval, Angra do Heroísmo teve um papel complementar como porto de escala e de apoio à navegação. Ambas as cidades receberam influências, mas este setor de Angra do Heroísmo reflete essencialmente o urbanismo e arquitetura colonial.

Lagos: Devido à sua localização frente a África, a cidade de Lagos também se destacou na exploração marítima como porto de partida e de chegada das naus. O seu protagonismo foi reduzido em 1460 com a transferência da Casa de Arguim e da Casa da Guiné para Lisboa. O declínio da cidade acentuou-se com a catástrofe de 1755 e diversos ataques piratas posteriores. A cidade mantém apenas edificações pontuais e estruturas defensivas e apresenta um tecido urbano menos diversificado e complexo do que Lisboa.

Porto: Enquanto Lisboa se destaca por ter sido o principal palco dos Descobrimentos, com o desenvolvimento económico, alterações portuárias e expansão urbana que daí decorreu, assumindo o papel de capital do império colonial e uma série de funções governamentais, sociais e administrativas associadas, o Porto teve um envolvimento indireto na exploração das rotas marítimas. Partilha com Lisboa a localização junto à foz dos maiores rios nacionais, uma morfologia complexa exposta a sul e um rico e diverso património arquitetónico.

Vila Real de Santo António: De fundação régia, substituiu a próxima e extinta Santo António de Arenilha, destruída pelo mar nos séculos XVI e XVII. Desenhada pela Casa do Risco sob orientação de Reinaldo dos Santos, a vila foi inaugurada em 1776. Corresponde ao culminar do grande projeto reformador pombalino, pensada de raiz como uma vila fábrica para a transformação do pescado e para habitação. Com o afastamento do Marquês de Pombal, a vila entrou em processo de abandono, ressurgindo somente em meados do século XIX com o desenvolvimento da indústria conserveira.

O traçado urbano espelha a simbologia do poder, sendo a Praça Real o centro cívico e comercial da vila. É um aglomerado de dimensão contida, que nunca teve o papel relevante de Lisboa.

Mediterrâneo

Istambul: Comparadas usualmente pela sua luz, Istambul é semelhante a Lisboa na localização estratégica e peso que a atividade portuária desempenhou na cidade, mas na sua frente ribeirinha não se destacam estruturas urbanas relevantes. Como Lisboa, foi palco de acontecimentos relevantes da história universal e inspirou a criação de obras artísticas e literárias. Ambas apresentam grande diversidade de tecidos urbanos, mas Lisboa tem maior continuidade e integração entre estes.

Nápoles: Enquanto Lisboa reflete influências de diversas culturas que contactou no período de exploração de novas rotas marítimas, desde mediterrânicas a fenícias e árabes, Nápoles revela influência predominantemente mediterrânica. Diferenciam-se também na adaptação das estruturas urbanas aos diferentes contextos geomorfológicos. Lisboa revela maior proximidade e integração dos diversos bairros e tecidos urbanos de diferentes épocas, e permite uma maior diversidade de pontos de observação sobre si mesma através dos miradouros nas suas colinas, o que não acontece em Nápoles.

Sevilha: A cidade teve um importante papel no comércio marítimo de larga escala, designadamente nos séculos XVI e XVII, razão principal da sua prosperidade. Contém diversos edifícios notáveis, tal como Lisboa. O seu tecido urbano localiza-se em território pouco acidentado e é menos diverso do que em Lisboa, pois esta reflete um extenso conjunto de influências de diferentes culturas.

Norte da Europa

Amesterdão: Foi contemporânea de Lisboa no relacionamento com a exploração de rotas comerciais marítimas, num período significativo dos séculos XVII e XVIII. Ambas evidenciam tipologias urbanas distintas que serviram de influência a outras cidades portuárias. O modelo de Amesterdão reflete-se

essencialmente em cidades do Norte da Europa onde foram criadas condições de instalação artificiais, nomeadamente através de sistemas de canais. Lisboa influenciou o estabelecimento de cidades portuárias em baías e portos naturais, estrategicamente escolhidos, e ao longo de uma frente ribeirinha a partir da qual se desenvolve a estrutura urbana.

Antuérpia: Partilha com Lisboa um tipo de desenvolvimento apoiado, principalmente, numa forte relação com o rio e nas atividades portuárias e comerciais, determinantes nas diversas fases da sua evolução. Ambas mantiveram uma estreita relação comercial, no século XVI, no auge da exploração de rotas marítimas pelos portugueses. No entanto, distinguem-se pela morfologia do território e o tipo de influências que assimilaram, refletidas quer nos seus tecidos urbanos, quer na forma como estes se adaptaram ao território, para além dos testemunhos de intercâmbio cultural que evidenciam, que em Lisboa são de âmbito intercontinental e em Antuérpia se restringem maioritariamente ao Norte da Europa.

Bordéus: Cidade portuária diretamente relacionada com a produção de vinho, inscrita na Lista do Património Mundial pelo amplo conjunto urbano e arquitetónico criado segundo os princípios do Iluminismo. Diferencia-se de Lisboa pelo carácter essencialmente regional da sua atividade portuária, pela morfologia do terreno, que é praticamente plana e por apresentar uma tendência arquitetónica predominante, ao contrário de Lisboa que se caracteriza por ampla diversidade de tecidos urbanos interligados e de diferentes épocas. Quanto ao urbanismo de carácter iluminista, em Bordéus realça-se a vasta continuidade espacial e temporal e a sua monumentalidade, enquanto em Lisboa se destaca o facto de resultar de um único plano de conjunto, inovador na conjugação de técnicas construtivas, regras de proteção contra riscos, padronização e redistribuição proporcional da propriedade.

São Petersburgo: tem uma forte ligação com o rio e a sua paisagem urbana é marcada por edifícios e jardins magníficos, tal como Lisboa. Diferem no tipo de território, que em São Petersburgo é muito vasto e plano, com canais, e em Lisboa é formado por colinas e vales numa escala próxima. Ambas expressam o período iluminista do século XVIII, embora em São Petersburgo este estilo predomine, e em Lisboa prevalecem ainda outros traçados de épocas relevantes, que se integram e relacionam no território numa escala acessível. São Petersburgo iniciou-se na exploração marítima a partir do século XIX, firmou a sua posição mercantil no contexto do Báltico e usufruiu da localização estratégica de porta mais a oeste da Rússia. Lisboa por sua vez foi percursora na exploração marítima global, valorizou o seu perfil mercantil com contatos noutros continentes com que se cruzou e recebeu influências destes.

América do Sul

Rio de Janeiro: Cidade fundada pelos portugueses, à semelhança de Lisboa e de outras cidades coloniais portuguesas, exibe uma ocupação do território que se adaptou às condições morfológicas e um núcleo urbano que se implantou em boas condições de defesa junto a um porto natural. Atualmente, a maioria das estruturas urbanas originais estão muito alteradas, subsistindo alguns arruamentos e conjuntos arquitetónicos que correspondem ao traçado urbano original, ao contrário de Lisboa que mantém os traçados urbanos e as estruturas arquitetónicas das suas sucessivas fases de evolução. No contexto da exploração marítima, ambas as cidades desempenharam papéis diferentes: O Rio de Janeiro relacionou-se originalmente com as culturas do açúcar e do café, tendo também sido a capital do Brasil entre os séculos XVII e XX. Lisboa centralizou o comércio dos produtos e matérias-primas vindos das colónias, bem como todas as atividades relacionadas com a exploração de novas rotas marítimas. À semelhança de outras cidades coloniais brasileiras, o Rio de Janeiro reflete o intercâmbio das culturas

do continente Africano, Europeu e da América do Sul, enquanto Lisboa manifesta as influências recebidas, quer da cultura Europeia, e em especial do Mediterrâneo, quer dos continentes onde marcou presença ao longo de séculos. A paisagem urbana do Rio de Janeiro tem sido divulgada através de músicas, poemas e pinturas, o que contribuiu para o seu reconhecimento mundial. Também Lisboa, ao longo da sua história, serviu de inspiração para a criação de obras artísticas e literárias.

São Luís do Maranhão: Cidade fundada pelos franceses em 1612 e logo tomada pelos portugueses dois anos depois. O centro histórico, de feição iluminista, soube adaptar-se às condições climáticas. Durante o século XVIII e início do XIX a cidade foi um importante porto de exportação na região.

Tendo como ponto comum o traçado iluminista, São Luís do Maranhão e Lisboa desempenharam papéis de relevância diferente nas diversas áreas.

Salvador: Por influência de Lisboa, e face à morfologia do seu território, a cidade organiza-se em duas áreas distintas: a frente ribeirinha, situada na zona baixa da cidade relacionada com as atividades portuárias e comerciais, e a cidade alta, com vista para a cidade baixa, onde se desenvolvem atividades de natureza religiosa, habitacional e defensiva. Salvador seguiu o modo de fazer cidade português, mas existem diferenças significativas relativas à morfologia do território, espaço temporal em que ambas as cidades se desenvolveram e pelo facto de em Lisboa a frente ribeirinha, para além das funções comerciais e portuárias, acumular a função administrativa ligada ao poder, como testemunha o Terreiro do Paço. Ambas estão relacionadas com o tema da exploração do mundo, mas assumiram papéis diferentes. Lisboa foi o centro de trocas, de comércio e de conhecimento, base logística e de construção naval, enquanto Salvador se estabeleceu como capital da colónia portuguesa do Brasil, local de comércio de escravos e de exportação do açúcar para a Europa.

Valparaíso: É semelhante a Lisboa pela morfologia do seu território desde a frente ribeirinha, margens estreitas e colinas íngremes onde se implantam tecidos urbanos diversificados. No entanto, a sua paisagem urbana difere de Lisboa pelos tecidos urbanos e estruturas arquitetónicas, por um lado como resultado do contexto geocultural em que se inserem e, por outro, pelos períodos históricos em que se desenvolveram. Lisboa instituiu-se com os Descobrimentos a partir do final do século XV, enquanto Valparaíso está relacionada com a globalização do comércio marítimo a partir do final do século XIX.

Em resumo, e no contexto nacional, Lisboa distingue-se das restantes cidades pois acresce ao seu carácter mercantil a ampla e prolongada relação com a exploração marítima iniciada no século XV e o facto de ter sido capital do Império. Além disso apresenta tecidos urbanos de épocas distintas, entrelaçados e adaptados de modo muito particular a um território de morfologia complexa, que tomam a sua paisagem urbana única. Já no contexto internacional, Lisboa destaca-se das demais cidades portuárias analisadas pelo pioneirismo, pelo seu extenso envolvimento e, em larga escala, no comércio marítimo global e ainda pela excecional importância cultural que representa no quadro da exploração de novas rotas pelo mundo. A comparação com outras cidades iluministas realça a originalidade do Plano Pombalino. Tal como aconteceu em épocas passadas, Lisboa permanece uma capital ímpar e esta permanência reflete-se particularmente na conservação sustentável dos seus múltiplos valores culturais e exclusividade da sua paisagem urbana histórica.

Tendo em conta o universo significativo das cidades analisadas, conclui-se que a candidatura do bem proposto, pelo seu significado cultural e conjunto de valores patrimoniais que reúne, apresenta todas as condições necessárias para preencher uma importante lacuna na Lista do Património Mundial.



Câmara Municipal de Lisboa
Direção Municipal de Urbanismo

DACM
Prop. n.º 1 / 2016
Fls. _____

Exmo.(a) Senhor(a)
DMU - Direção Municipal de Urbanismo

Informação n.º
INF/2/DMU/16

Data
05-01-2016

Assunto: Candidatura UNESCO

Informação

Exmo Senhor Diretor Municipal
Arq. Jorge Catarino Tavares

Em cumprimento de orientação superior, foi elaborada proposta de candidatura para inscrição de Lisboa na Lista Indicativa nacional do Património Mundial da UNESCO.

A proposta de candidatura que agora se submete à consideração superior cumpre as *Orientações Técnicas para a Aplicação da Convenção do Património Mundial da UNESCO* e tem os conteúdos e dimensão definidas para o preenchimento do formulário de candidatura expressas no documento *Orientações aos promotores para a apresentação de propostas* e integra sugestões expressas pelo Arq. Francesco Bandarin, Conselheiro Especial do Diretor-Geral Adjunto para a Cultura da UNESCO, aquando da sua visita a Lisboa em outubro de 2014 bem como do ICOMOS Portugal e do Grupo de Trabalho Informal para Atualização da Lista Indicativa de Portugal, promovido pela Comissão Nacional da UNESCO.

Despacho

À consideração superior
Arq. Jorge Catarino
Teresa Duarte

Arq. Catarino

Catarino

O Diretor Municipal

Jorge Catarino Tavares
Jorge Catarino Tavares
Direção Municipal de Urbanismo
por subdelegação de competências no Despacho
n.º 111/P/2015 de 14 de Setembro de 2015, publicado
No B.M. n.º 1127 de 24 de Setembro de 2015

O Técnico

Teresa Duarte

Teresa Duarte



ÍNDICE DE ANEXOS

DACM

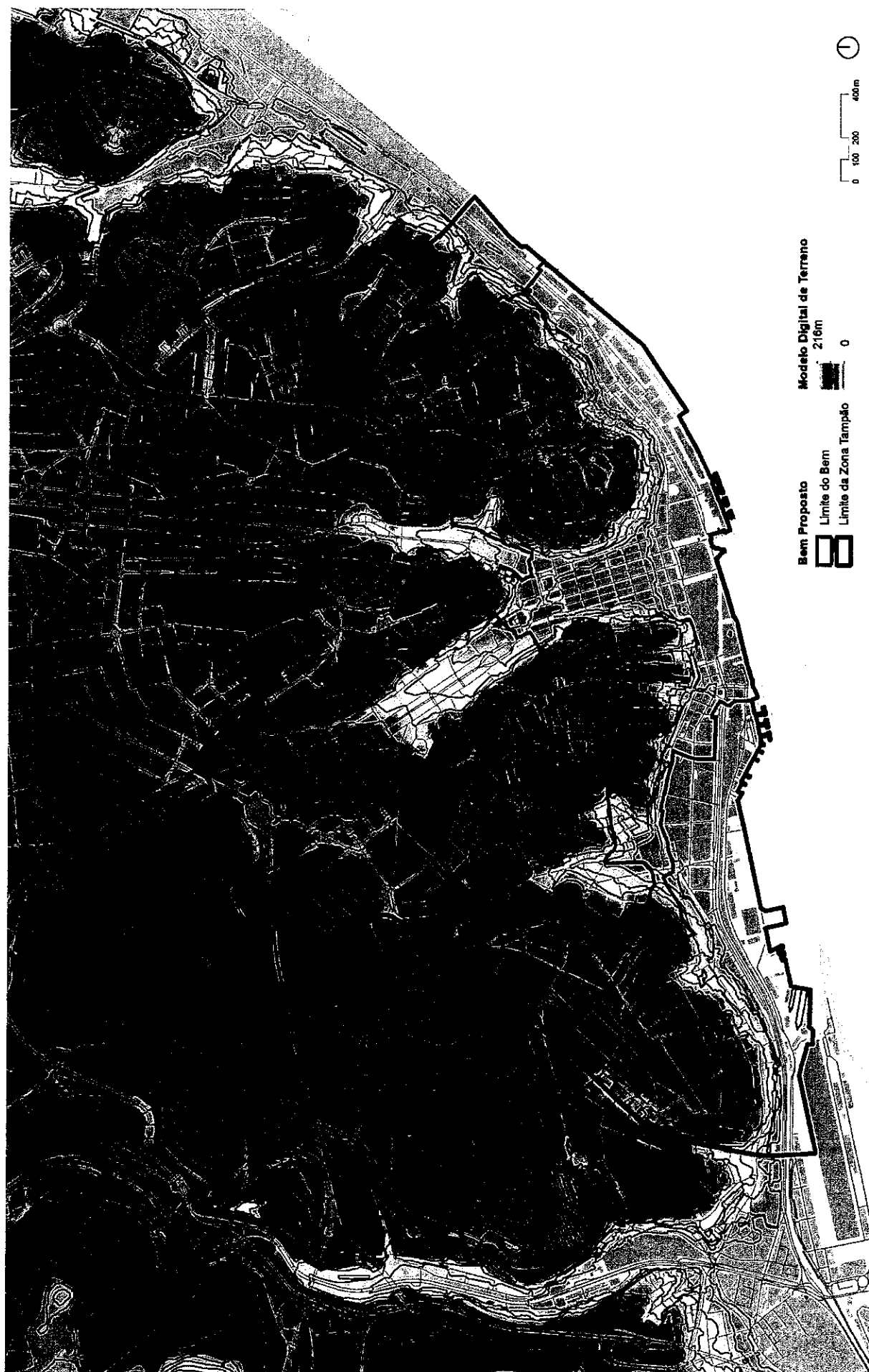
Prop. n.º 1 / 2016

Fls. _____

Anexo 1	Delimitação do bem proposto
Anexo 2	Modelo digital do terreno
Anexo 3	Sistema de vistas
Anexo 4	Carta Municipal do Património Edificado e Paisagístico
Anexo 5	Instrumentos de gestão territorial em vigor e em elaboração
Anexo 6	Vestígios Romanos, Islâmico-medievais, Descobrimentos e Plano Pombalino
Anexo 7	Representações de Lisboa até ao final do século XIX
Anexo 8	Mapa com localização dos bens similares
Anexo 9	Quadro comparativo com bens similares
Anexo 10	Descrição longa e comparação com restantes bens similares
Anexo 11	Fases de evolução da frente ribeirinha

Delimitação do bem proposto







Carta Municipal do Património Edificado e Paisagístico





Vestígios romanos, islâmico-medievais, Descobrimentos e Plano Pombalino

Vestígios Romanos

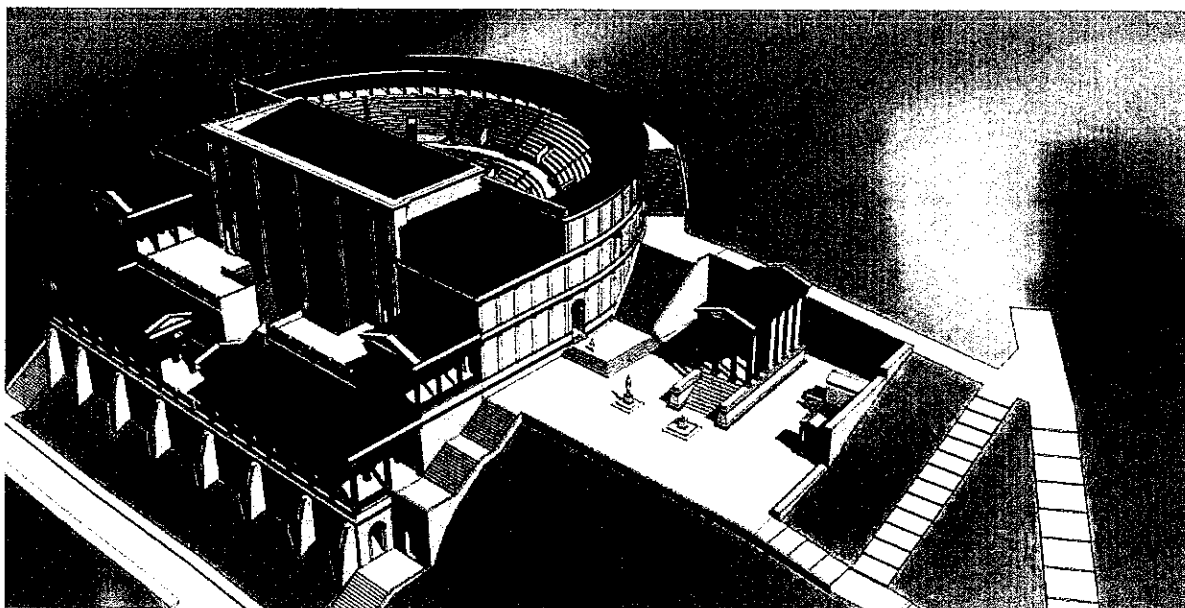


Fig. 01 - Reconstituição do Teatro Romano. Reconstituição Lídia Fernandes e Carlos Loureiro



Fig. 02 – Ruínas do Teatro Romano. Foto CML

Vestígios romanos, islâmico-medievais, Descobrimentos e Plano Pombalino



Fig. 03 – Museu do Teatro Romano. Foto O Corvo, 1 Outubro, 2015



Fig. 04 – Conjunto de tanques de salga romanos. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros.
Foto malalanahistoria.wordpress.com

Vestígios romanos, islâmico-medievais, Descobrimentos e Plano Pombalino

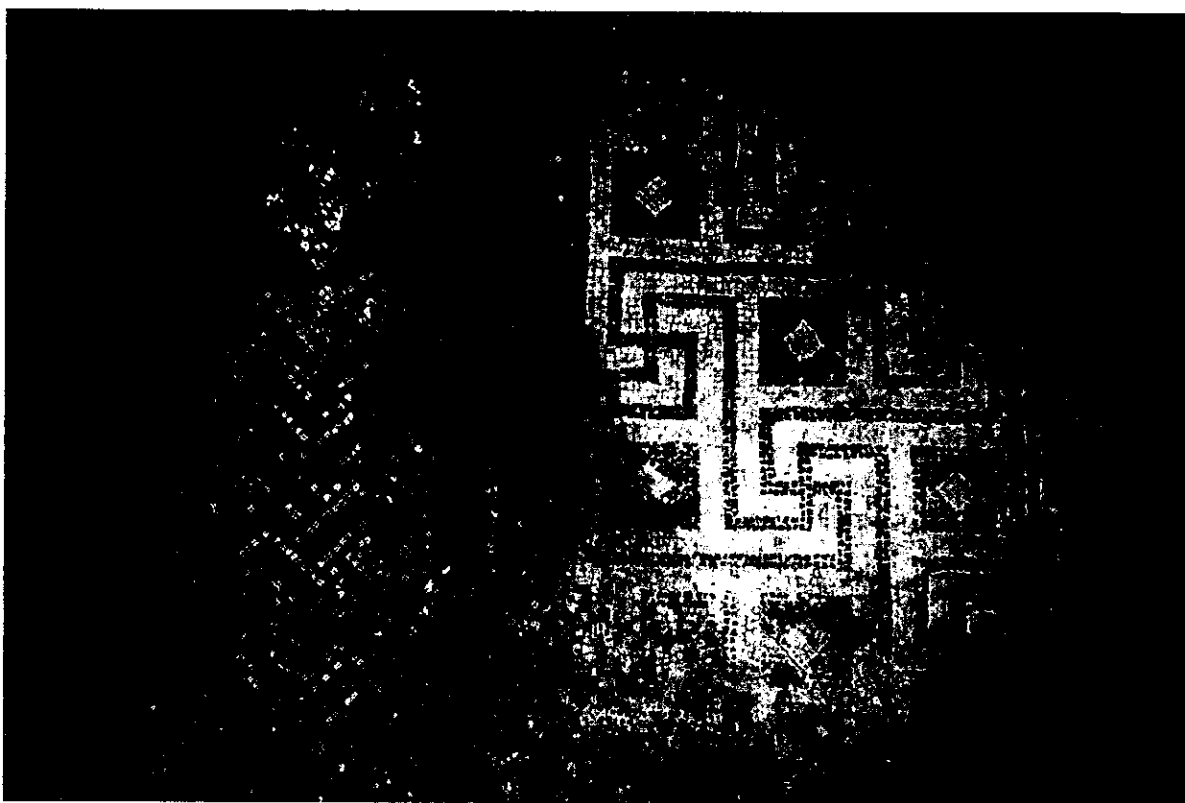


Fig. 05 – Mosaico romano. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros. Foto Guia da Cidade

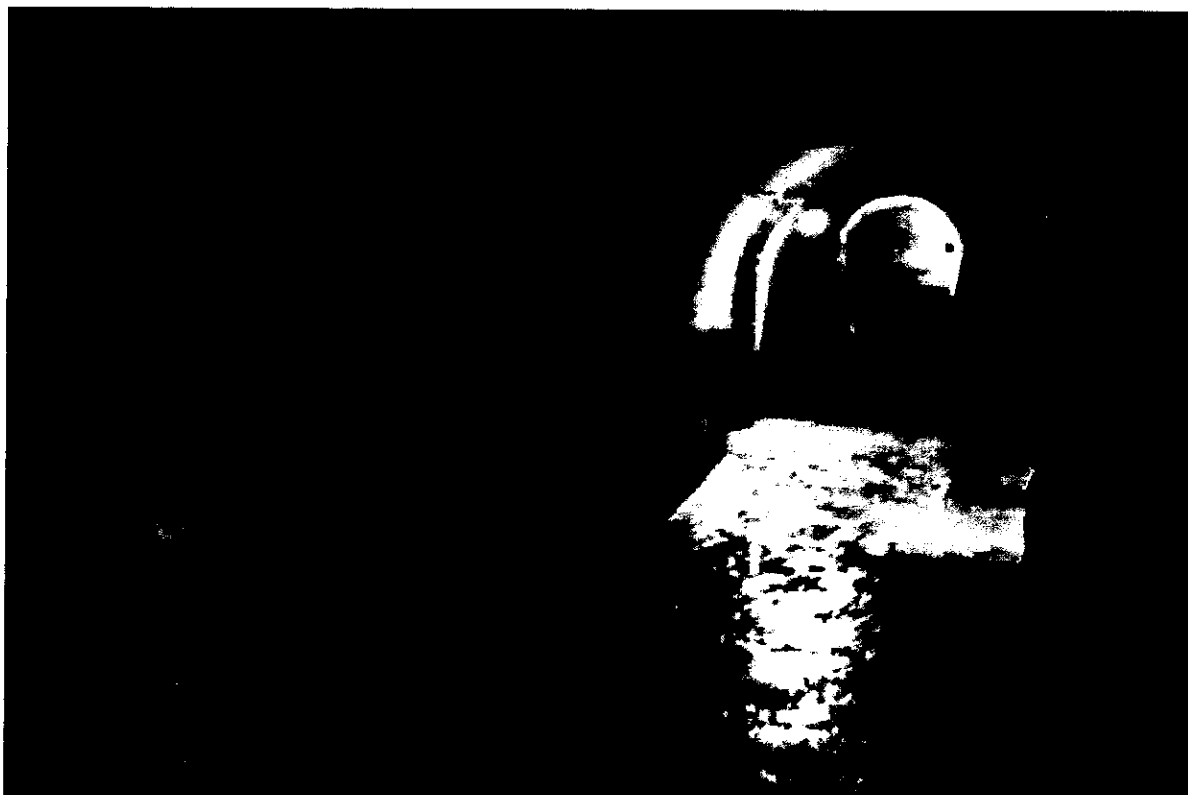


Fig. 06 – Galerias Romanas da Rua da Prata. Foto CML

Vestígios romanos, islâmico-medievais, Descobrimentos e Plano Pombalino

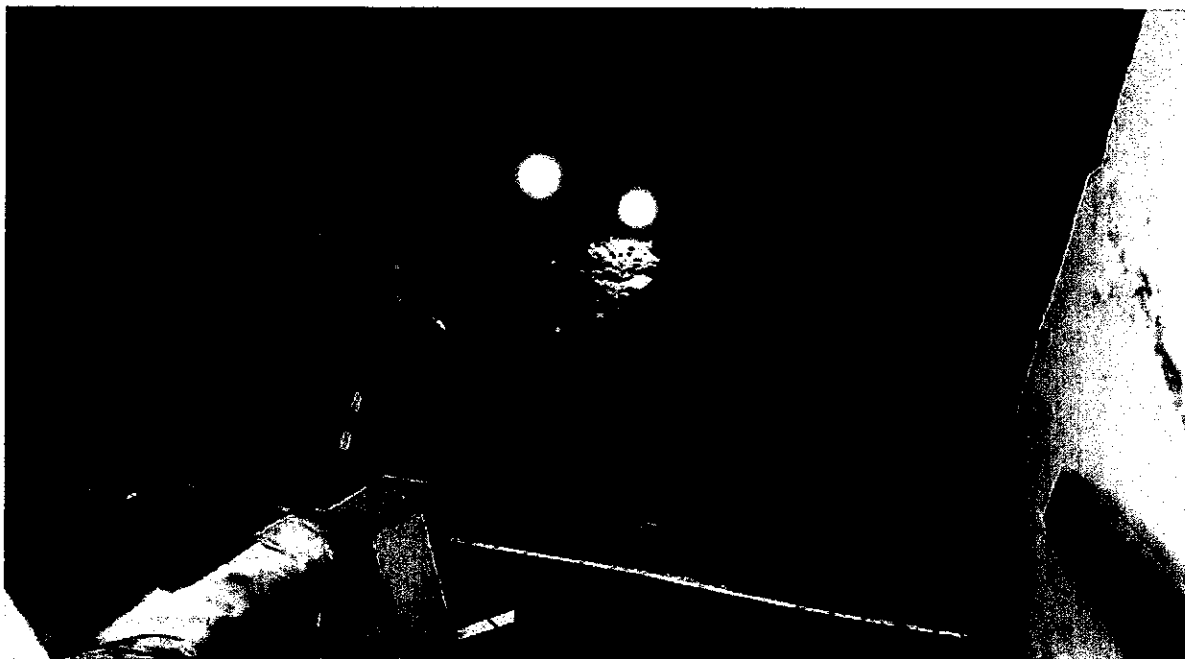


Fig. 07 - Escavações arqueológicas no Antigo Convento Corpus Christi (Rua dos Douradores / Rua dos Fanqueiros) Junho 2013. Foto O Corvo/Lúisa Ferreira

Vestígios Islâmico-medievais

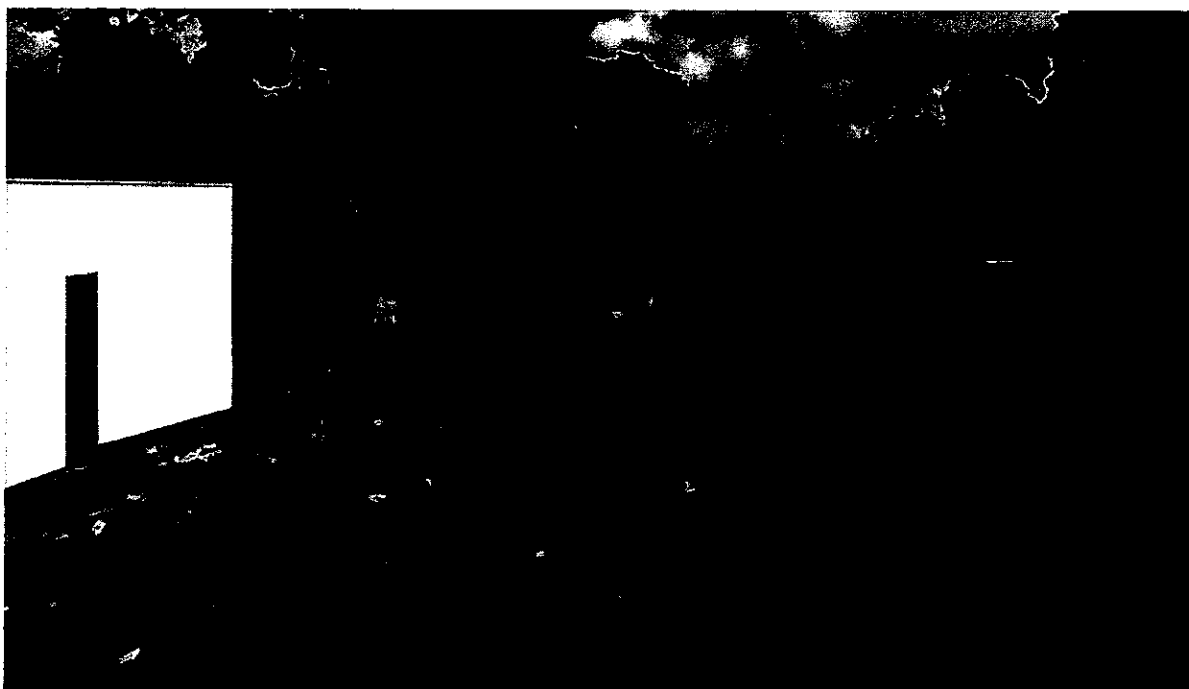


Fig. 08 – Vista do Bairro Islâmico da Praça Nova (séc. XI-XII). Núcleo Arqueológico do Castelo de São Jorge. Foto Fernando Guerra

Vestígios romanos, islâmico-medievais, Descobrimentos e Plano Pombalino

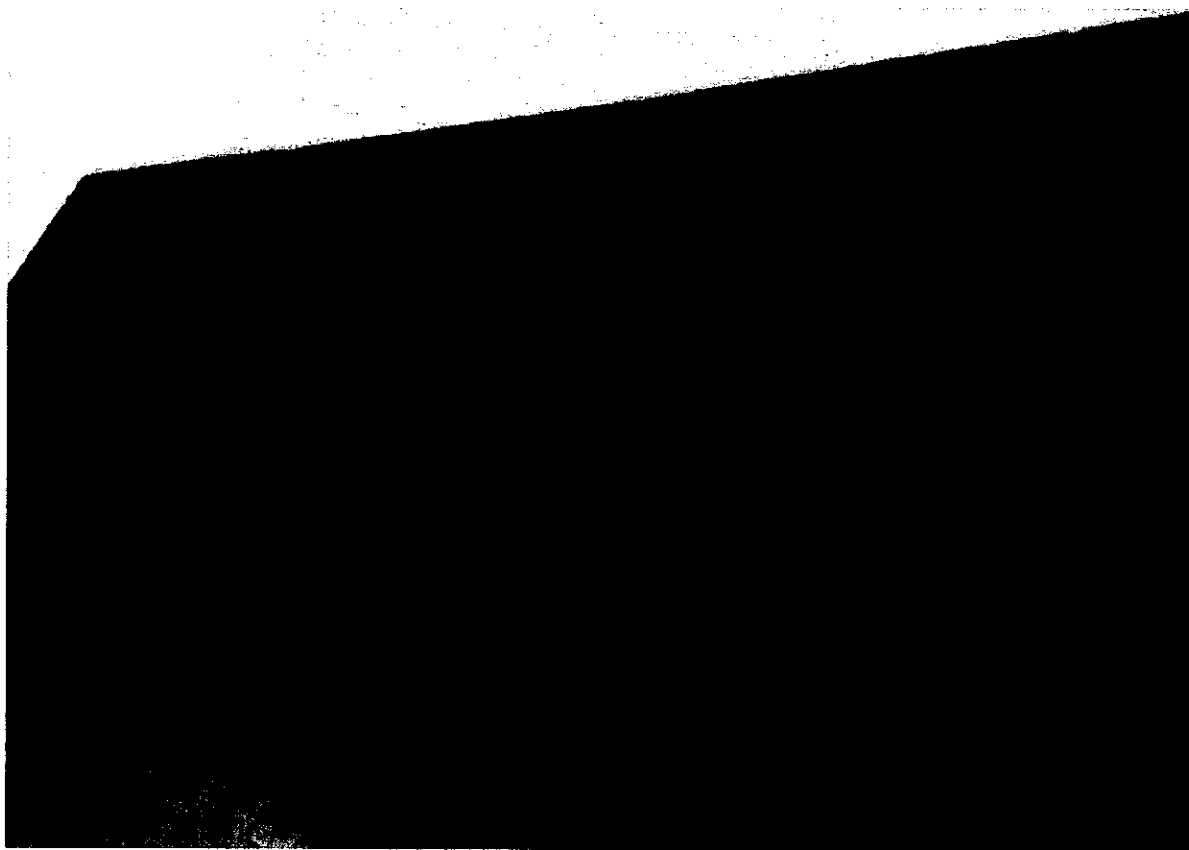


Fig. 09 – Pormenor de reboco pintado no pátio de casa islâmica da Praça Nova (séc. XI-XII). Núcleo Arqueológico do Castelo de São Jorge. Foto EGEAC



Fig. 10 – Vestígios do palácio do Bispo de Lisboa (séc. XII-XIV) / Palácio dos Condes de Santiago (séc. XV-XVIII). Núcleo Arqueológico do Castelo de São Jorge. Foto Fernando Guerra

Vestígios romanos, islâmico-medievais, Descobrimentos e Plano Pombalino



Fig. 11 – Claustro da Sé de Lisboa. Vestígios arqueológicos dos seguintes períodos: Idade do Ferro, Romano, Alta Idade Média, Medieval Islâmico, Medieval Cristão, Moderno e Contemporâneo.
Foto Creative Commons

Vestígios da época dos Descobrimentos



Fig. 12 – Vestígios de estaleiro de reparação naval (séc. XVI-XVII). Praça D. Luís I, abril de 2012.
Foto VHM - Coordenação e Gestão de Projetos

Vestígios romanos, islâmico-medievais, Descobrimentos e Plano Pombalino



Fig. 13 - Aspeto da rampa de lançamento de embarcações. Sob esta estrutura foi identificado um fundeadouro romano (séc. I a.C. / V d.C.). Foto Público

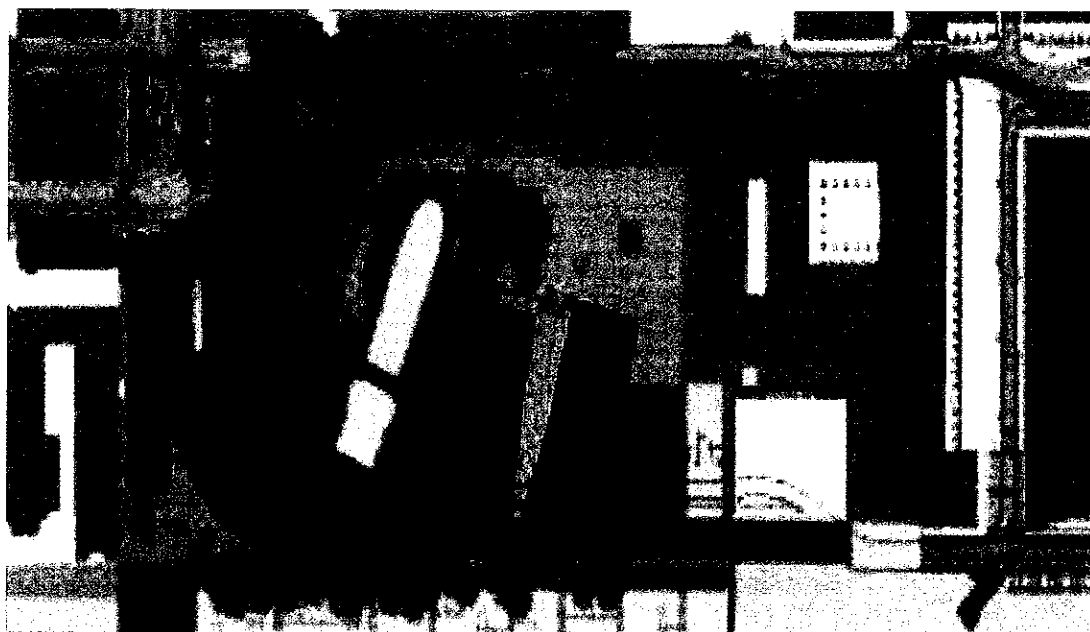


Fig. 14 – Desenho da zona da Ribeira das Naus.

Vestígios romanos, islâmico-medievais, Descobrimentos e Plano Pombalino



Fig. 15 – Ribeira das Naus depois da intervenção recentemente realizada. Foto Fernando Guerra



Fig. 16 – Doca seca, Ribeira das Naus. Foto Público

Vestígios romanos, islâmico-medievais, Descobrimentos e Plano Pombalino

Vestígios da época Pombalina

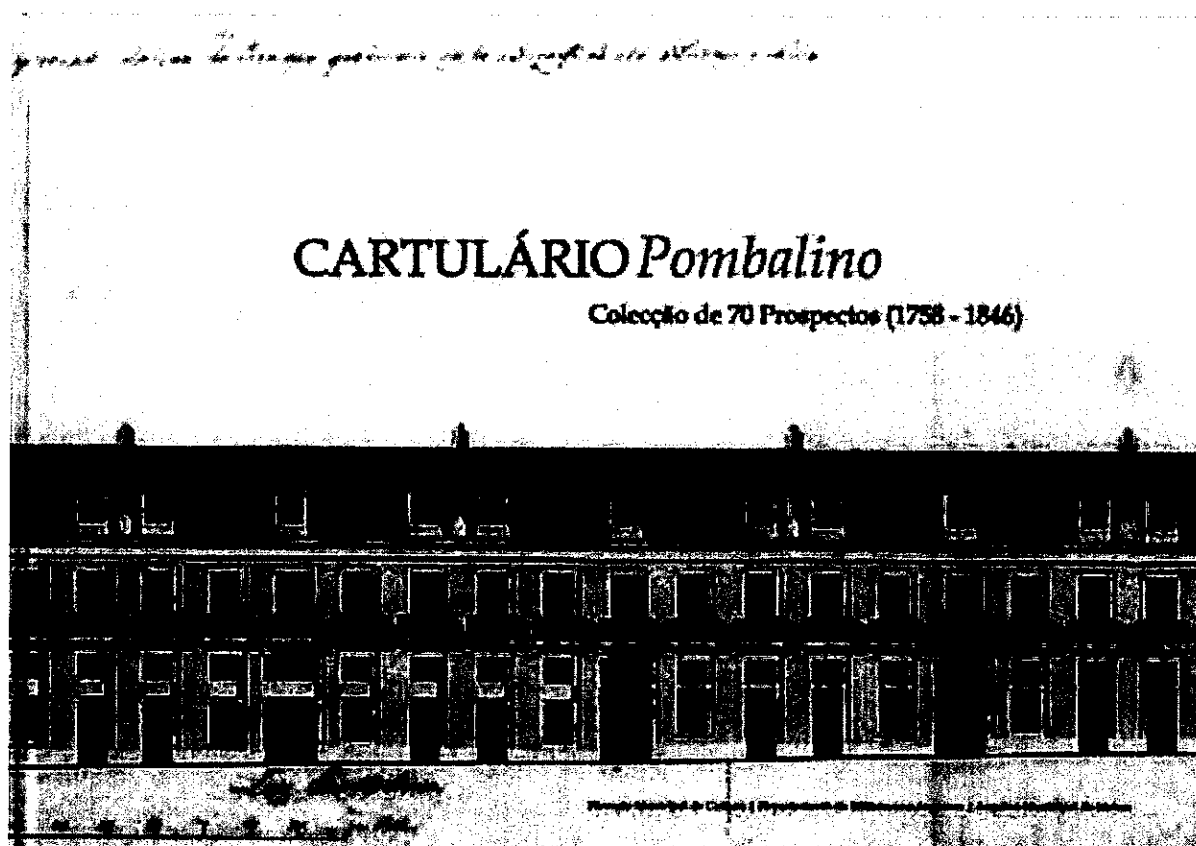


Fig. 17 – O Cartulário Pombalino, coleção de prospectos produzidos pela Casa do Risco das Reais Obras Públicas de Lisboa (1758-1846).

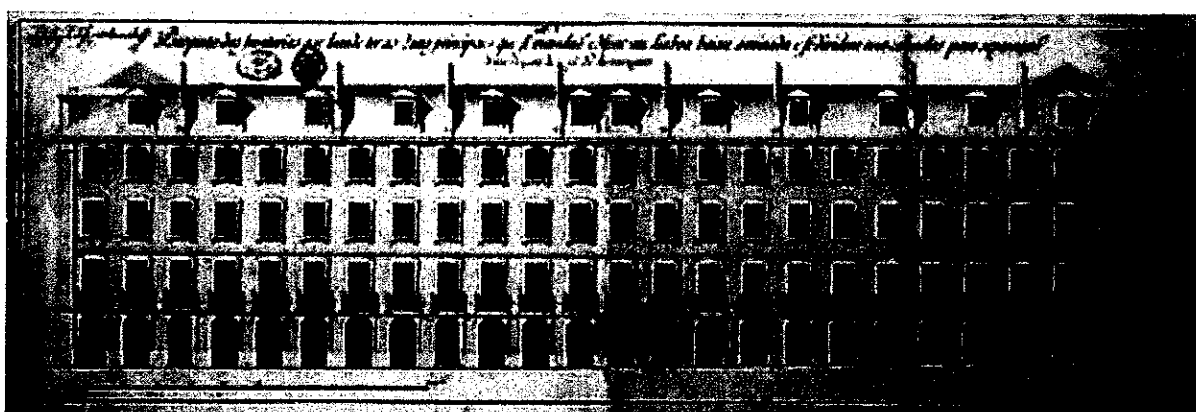


Fig. 18 – Prospeto n.º 1. Modelo das frontarias a edificar nas ruas principais.

Vestígios romanos, islâmico-medievais, Descobrimentos e Plano Pombalino

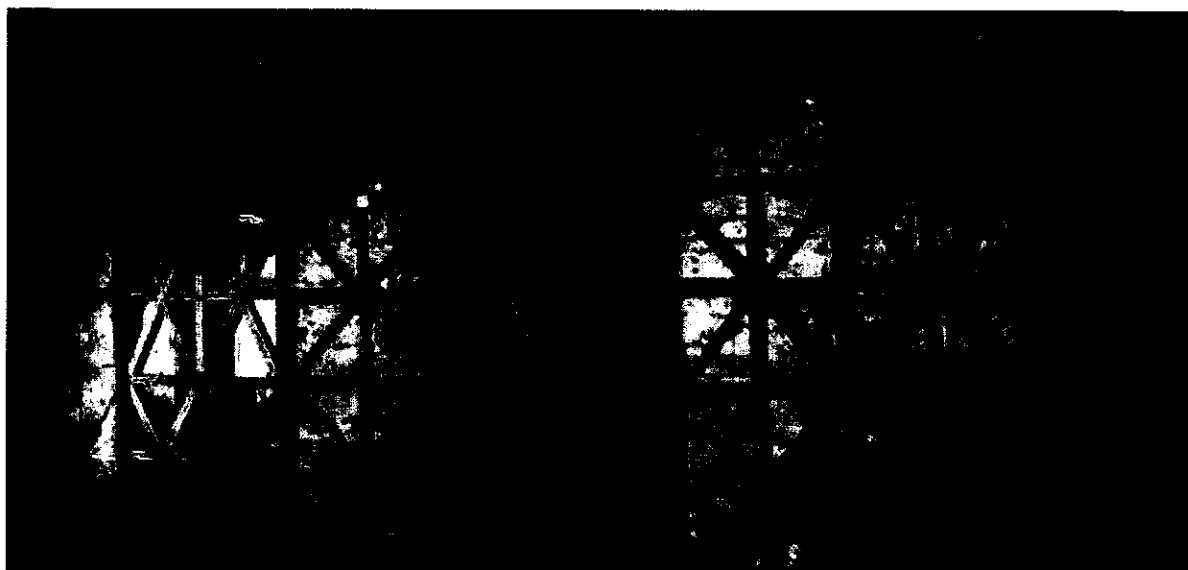


Fig. 19 – Gaiola pombalina. Estrutura de madeira com características antissísmicas.

Foto mariobarradas.blogspot



Fig. 20 – Edifício Pombalino. Foto histgeo6.blogspot.com

Vestígios romanos, islâmico-medievais, Descobrimentos e Plano Pombalino

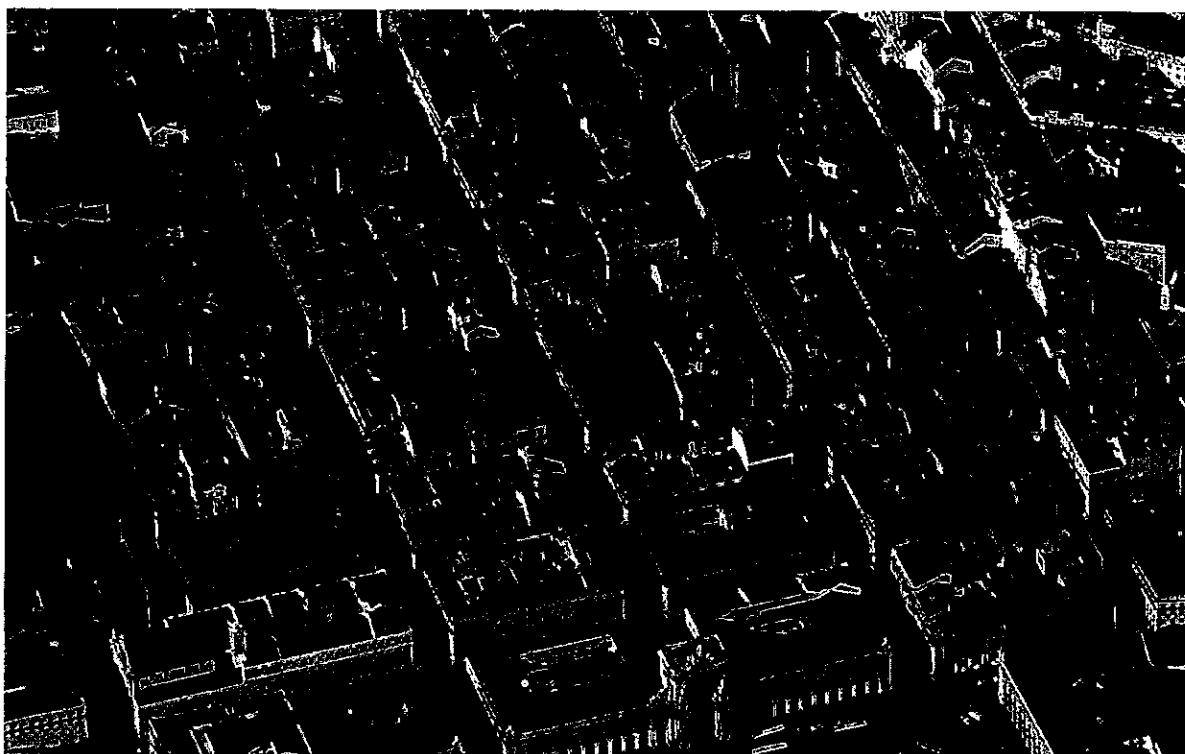


Fig. 21 – Baixa Pombalina. Vista aérea. Foto Virtual Earth Microsoft

Representações de Lisboa até final do século XIX

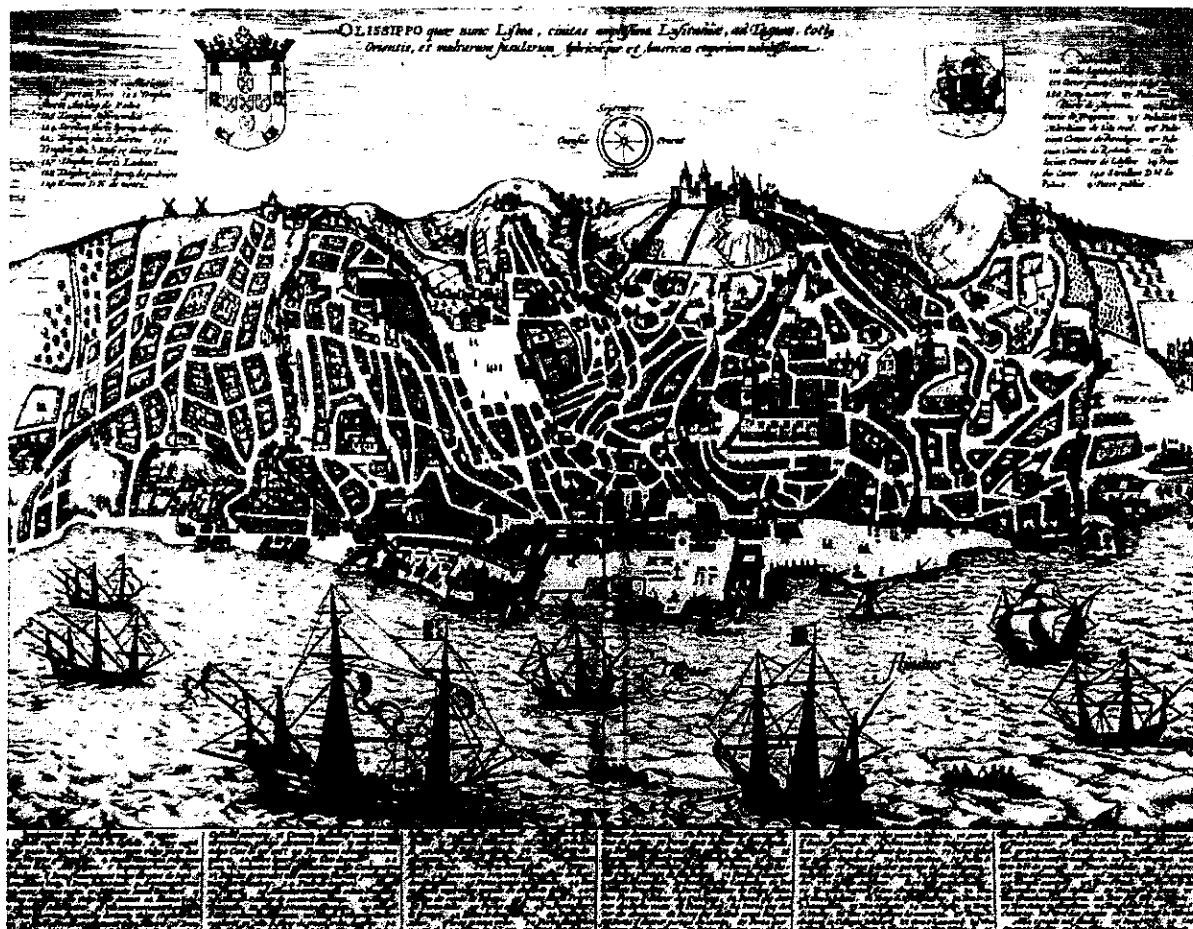


Fig. 01 – Gravura de Lisboa de G. Braunio em 1598.

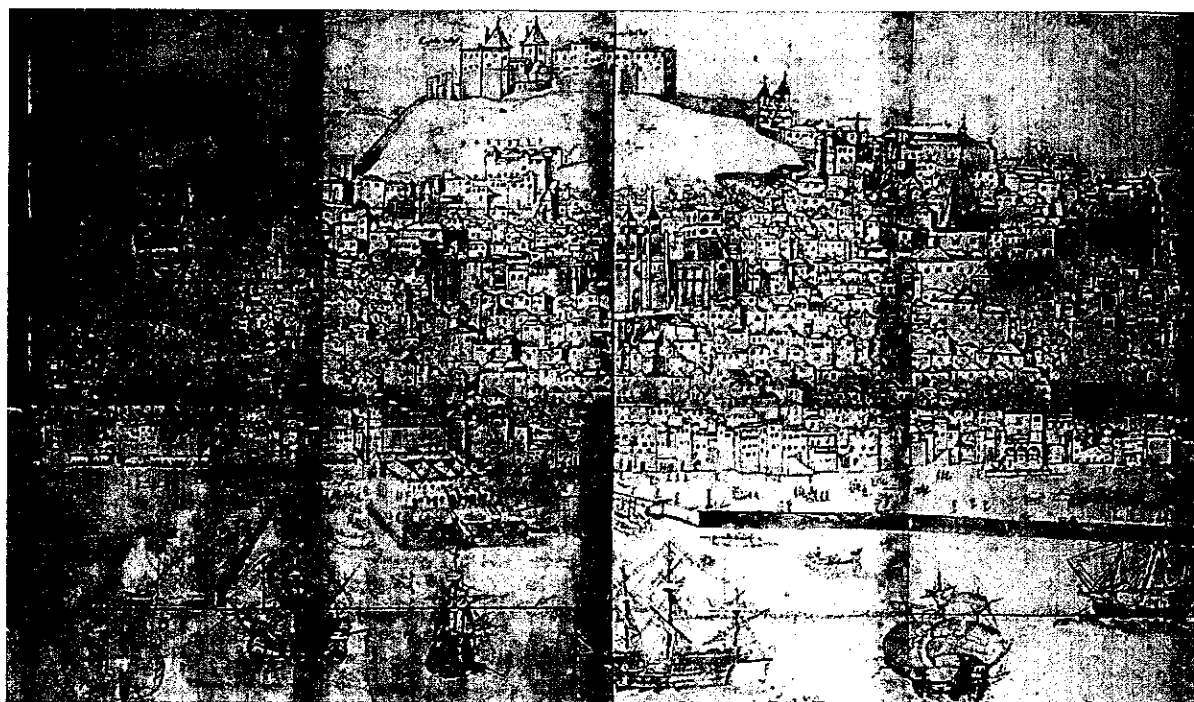


Fig. 02 – Gravura quinhentista de Lisboa (excerto), Biblioteca da Universidade de Leiden, Holanda.

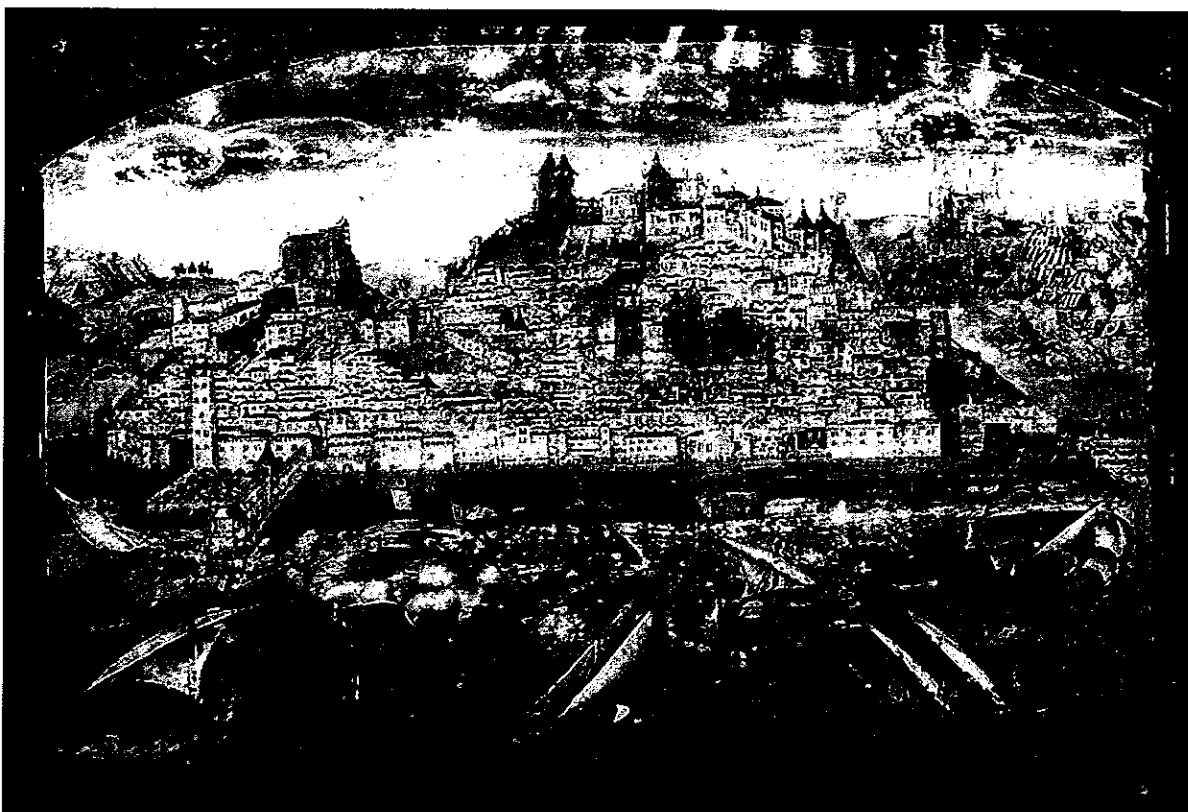


Fig. 03 – Vista de Lisboa no início do século XVI, iluminura da Crónica de D. Afonso Henriques por Duarte Galvão.



Fig. 04 – Vista panorâmica de Lisboa no século XVI, de G. Braunio.

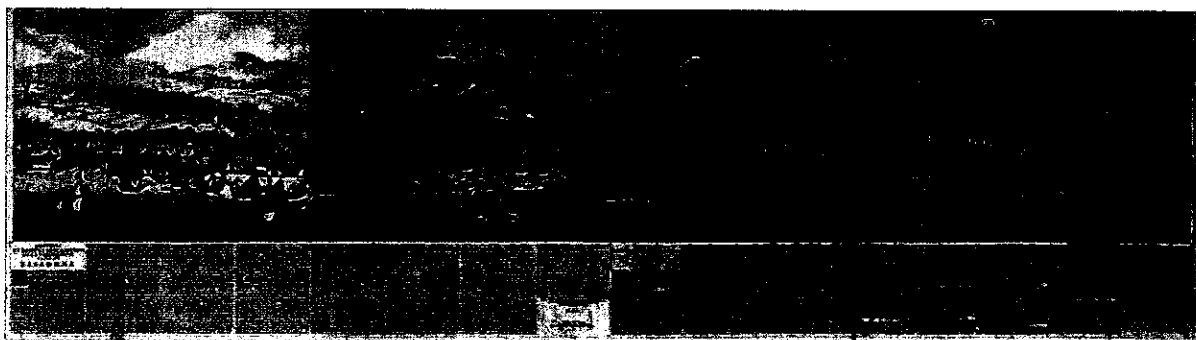


Fig. 05 – Gravura de Lisboa de 1619, colecção de 187 gravuras do Conde Magnus Gabriel De la Gardie.



Fig. 06 – Paineis de azulejo "Grande Panorama de Lisboa" (excerto), de 1695, atribuído a Gabriel del Barco.

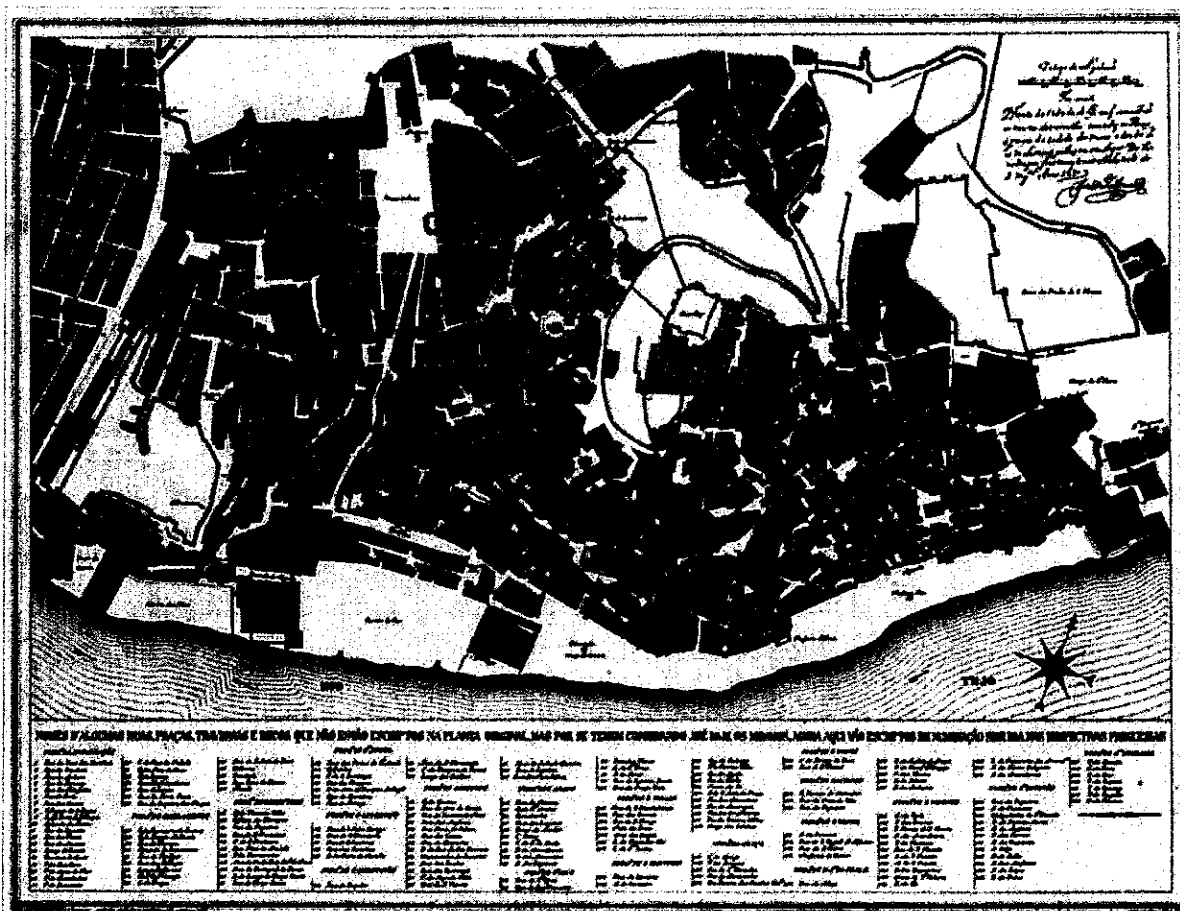


Fig. 07 – Planta de Tinoco em 1650 com localização das Cercas Velha e Fernandina e configuração da cidade medieval.

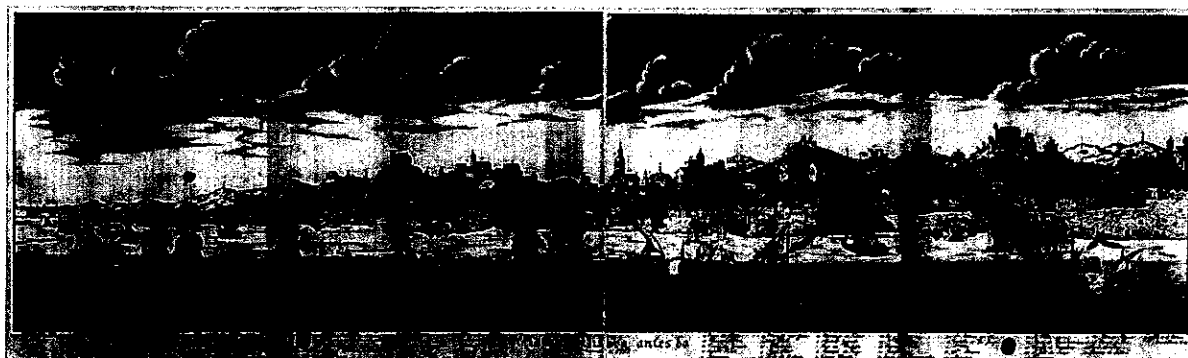


Fig. 08 – Gravura de Lisboa anterior a 1755, de J.P. Aragão.

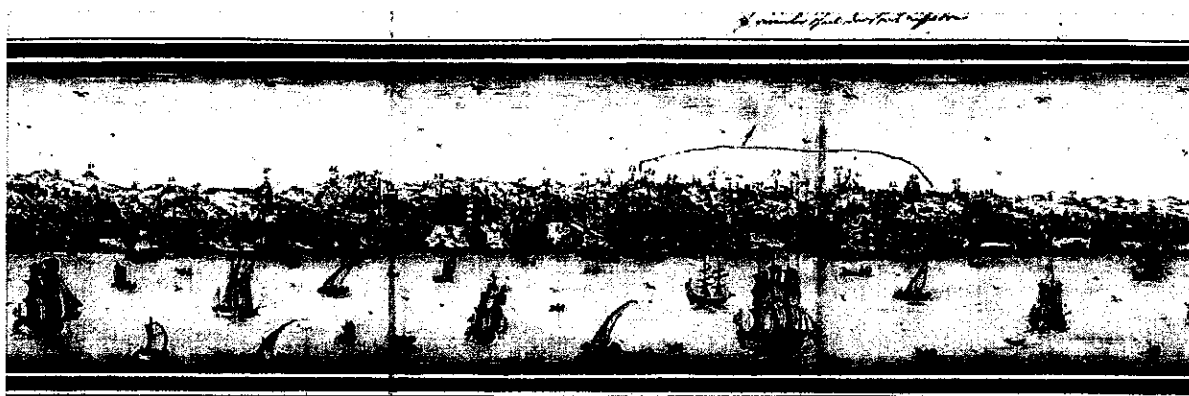


Fig. 09 – Gravura de Lisboa (excerto) de 1763, de Bernardo Caula.

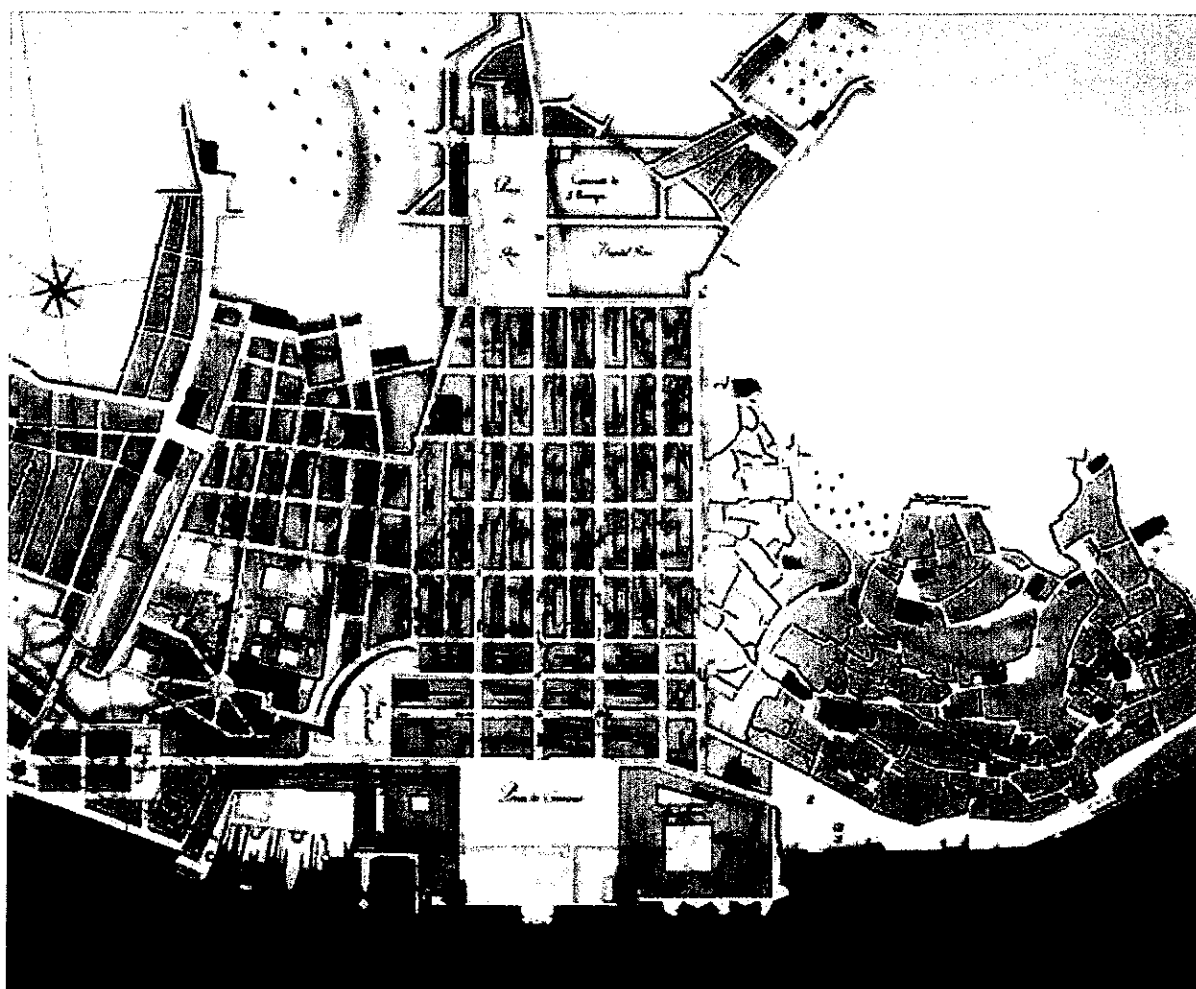
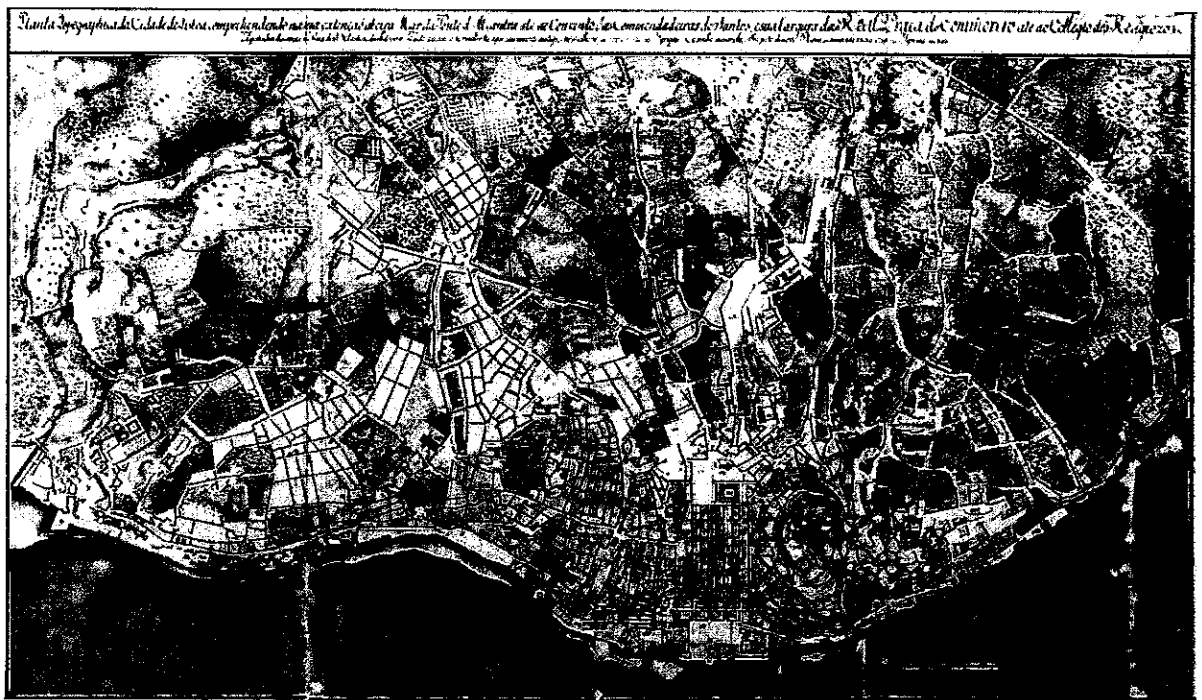


Fig. 10 – Planta de Lisboa de 1758, com o Plano Pombalino de Eugénio dos Santos, Carlos Mardel e E.S. Poppe sobreposto ao traçado anterior ao Terramoto de 1755.



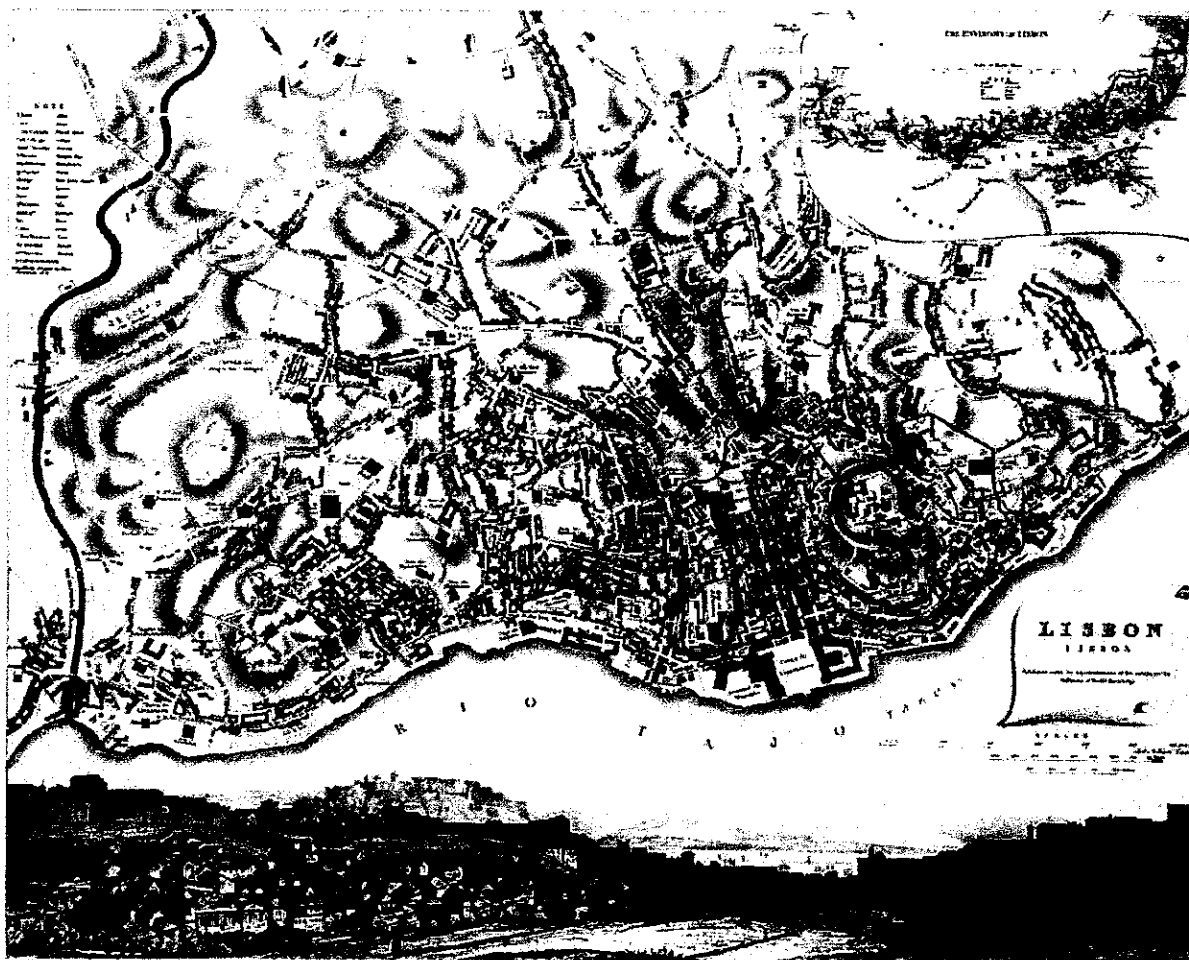


Fig. 13 – Planta de Lisboa de 1844.



Fig. 14 – Planta da Frente Ribeirinha de Lisboa (excerto) de 1871.

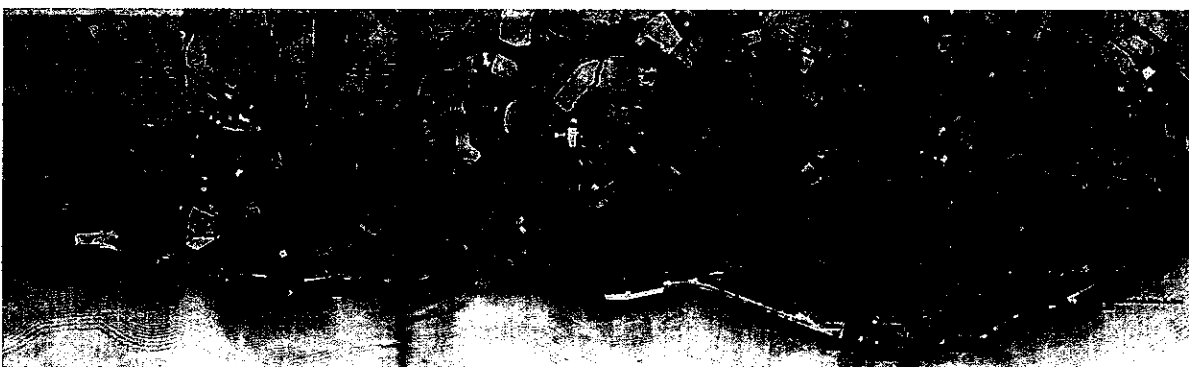
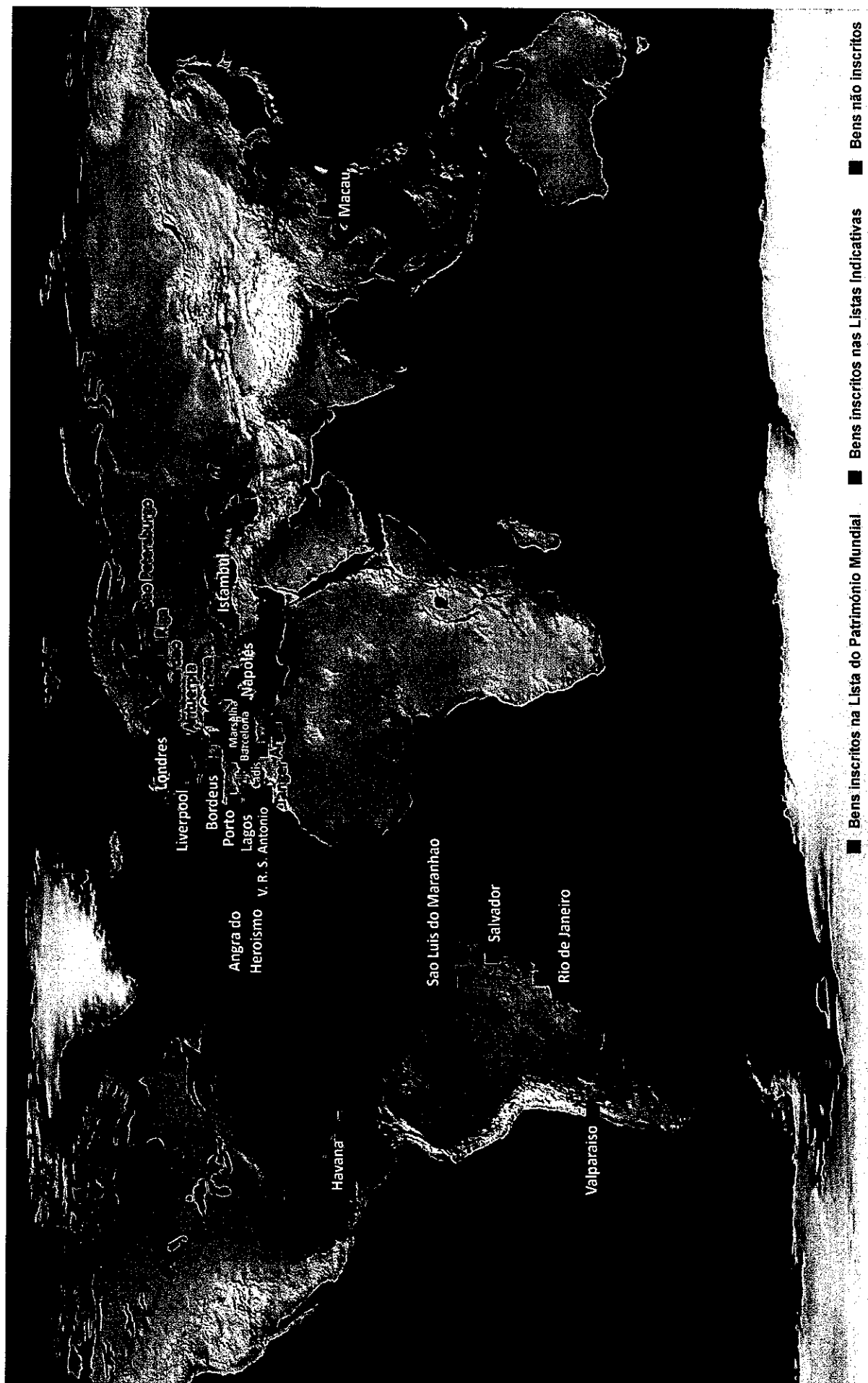


Fig. 15 – Planta de Lisboa (excerto), de João Souza, de 1875.

Mapa com localização dos bens similares





ANEXO 10

Descrição longa

Comparação com restantes bens similares



DESCRIÇÃO LONGA

A localização de Lisboa, no estuário do rio Tejo, a meio da fachada atlântica da Península Ibérica, e as excelentes condições naturais do sítio, como abrigo, defesa e abastecimento, constituíram características privilegiadas para atrair o estabelecimento de populações e o desenvolvimento de atividades relacionadas com o interface mar/terra.

Os fenícios chegaram a Lisboa cerca do século VII a.C. O local cativou seguidamente romanos, que o fortificaram no século II a.C. A cidade começou por ocupar o morro e a encosta sul do atual castelo, crescendo junto à água com instalações para as atividades piscatórias, práticas comerciais e produção de olarias, desenvolvendo um forte tráfego marítimo e cultivando os férteis terrenos que ladeavam o Tejo, nas duas margens.

No século VIII a cidade passa para as mãos dos muçulmanos, que nela permaneceram por 450 anos, até o primeiro rei de Portugal, com a ajuda dos cruzados, em 1147, tomar a cidade que se tornaria morada principal da Corte no século XIII.

A partir do século XV e até ao século XVII, partem de Lisboa as naus dos Descobrimentos, primeiro para a costa africana e depois para o Oriente, chegando a vários locais na Ásia (Índia, Ceilão, Malásia, China, Japão) e ao continente americano (Brasil). Destes novos sítios, chegam diversas influências culturais e preciosidades como ouro, especiarias, plantas exóticas e medicinais e tecidos raros. Por outro lado, neste período consolidou-se o comércio sistemático de escravos.

Lisboa torna-se o maior porto atlântico da Europa. O palco das partidas das naus para os Descobrimentos é a frente ribeirinha, que passa a ser o centro económico e administrativo da cidade e o epicentro de todo o processo de expansão marítima e comercial. É o local de encontro e intercâmbio de conhecimentos entre cartógrafos, marinheiros, construtores navais e aventureiros, entre muitos outros. É neste contexto que evoluem os conhecimentos de navegação, de estratégia militar, de planeamento e de logística inerentes às expedições.

Na frente ribeirinha, foram construídos o Paço Real, que desceu do Castelo no início do século XVI, por mão de D. Manuel I, e diversos edifícios de carácter público, edificadas para dar resposta à necessidade premente de estruturas utilitárias de apoio à expansão, nomeadamente ligados à atividade marítima e comercial: a Alfândega, o Terreiro do Trigo, a Armaria Real e várias tercenças. A partir dessa época, o recorte da frente ribeirinha foi sendo alterado por uma sucessão de embarcadouros e estaleiros de construção naval, e ainda por um conjunto de aterros destinados a usos diversificados, nomeadamente armazéns, espaços de comércio, fontes e chafarizes para abastecimento das embarcações.



A Lisboa de hoje é o testemunho das influências dos diferentes povos e culturas que nela se cruzaram, excelente exemplo de intercâmbio e de diálogo de civilizações, com repercussões profundas na história da Humanidade e na relação entre o velho e o novo mundo, entre a Europa, a África Austral, o Oriente e a América.

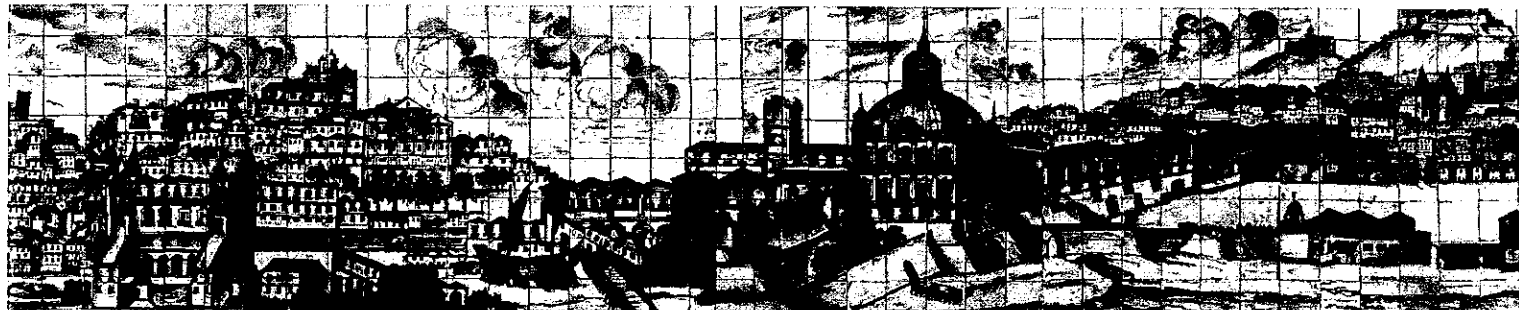
Do vasto conjunto de cidades fundadas pelos portugueses nos diversos continentes, muitas receberam influência de Lisboa. Desde logo na escolha do sítio, por princípio em enseadas abrigadas, e também pela distribuição da atividade portuária e comercial na frente ribeirinha e pela instalação das atividades residenciais administrativas e religiosas na zona alta, pela adaptação dos traçados urbanos à morfologia complexa do território, e também pela localização dominante de edifícios singulares e praças.

A cidade desenvolveu-se a partir de uma rede de acessos ancestrais que se desenvolviam ao longo do rio, para oriente, ocidente e para o interior, e revela a sobreposição de sucessivas ocupações dos períodos romano, islâmico e medieval, hoje identificáveis nos bairros do Castelo, da Sé, de Alfama e da Mouraria, pelas características dos traçados urbanos, pelos diferentes estratos arqueológicos, pelos múltiplos vestígios de estruturas civis, defensivas e produtivas – Castelo, Muralha Dionisina, Cerca Velha e Cerca Fernandina, esta construída já no final do século XIV – e construções de caráter monumental, como a Sé Catedral.

Para além destes, conserva ainda bairros de diferentes épocas que lhe conferem identidade. Entre estes, pode destacar-se o Bairro Alto, bairro de génese renascentista construído na sequência do surto demográfico devido aos Descobrimentos, formado por uma quadrícula com hierarquização dos arruamentos, e o Mocambo, arrabalde de pescadores, marinheiros e artesãos, de traçado ortogonal formando uma quadrícula de pequenos quarteirões, que cresceu entre cercas conventuais junto ao antigo acesso ocidental da cidade.

Embora a morfologia, o urbanismo e a arquitetura da cidade testemunhem terremotos devastadores ocorridos ao longo dos séculos, foi o grande sismo de 1755, seguido de maremoto e de incêndio, que mais marcas deixou. A destruição do centro da cidade levou à sua reconstrução de feição iluminista, concretizando as regras do urbanismo pombalino: uniformidade, ordem, sobriedade e padronização.

Com o Plano Pombalino, Lisboa tornou-se a primeira cidade moderna do Ocidente, planeada segundo um modelo racional e inovador: adota o quarteirão como unidade de projeto, hierarquiza as fachadas e estratifica usos em altimetria, recria novos sistemas de fundações e estruturais, normaliza desenhos de fachadas e de elementos construtivos para tornar o processo construtivo mais célere, define regras de proteção contra o risco sísmico, designadamente com a introdução da gaiola pombalina, e o risco de incêndio, criando paredes corta-fogo entre os prédios; projeta ainda uma rede de saneamento e define um método inovador de redistribuição proporcional da propriedade, hoje designado como perequação. Também esse urbanismo veio a espelhar-se noutros locais do globo.



Por outro lado, o Plano Pombalino privilegiou a manutenção da memória da cidade, através do afeiçoamento dos seus limites aos bairros pré-existentes, da reconfiguração dos principais espaços públicos, como o Terreiro do Paço e Rossio, da normalização dos principais arruamentos e da recontextualização de edifícios subsistentes. Na sequência do grande sismo, a cidade desenvolveu-se para o interior e para norte.

Lisboa tem uma extraordinária concentração de monumentos civis, religiosos e militares, muito para além dos mencionados. A paisagem urbana é pontuada por palácios e quintas e pelos seus jardins, pelas grandes construções conventuais, pelas torres das igrejas e pelas fortificações militares.

Também no património paisagístico se revela o cruzamento de culturas, em jardins que conservam coleções ímpares de espécies vegetais provenientes dos diversos continentes, testemunhos vivos da importância dos Descobrimentos portugueses no intercâmbio de plantas no mundo. Destaca-se o jardim botânico da Rua da Escola Politécnica, hoje integrado na Universidade de Lisboa e notável no seu contributo para a investigação, formação e divulgação científicas.

Nesta ocupação urbana, assente sobre diferentes condições geológicas e uma morfologia complexa, destacam-se os afloramentos calcários, formando um conjunto de pontos notáveis na paisagem. Convertidos ao longo dos tempos em miradouros, permitem uma sucessão de pontos de vista de qualidade cénica excecional, estabelecendo relações visuais entre colinas, destas para os vales e sobre o rio, numa multiplicidade ímpar de paisagens e de visões do território.

O conjunto de vistas proporcionado pelos pontos dominantes é parte fundamental da identidade desta paisagem urbana. A integridade deste conjunto de vistas constitui uma mais-valia para o bem.

Cidade dotada de uma luz excecional devida à sua localização ribeirinha, Lisboa reflete-a em vários planos, através da cor e do brilho dos seus materiais, com especial relevância para os pavimentos em calçada de calcário e basalto, os paramentos em perpiano, as fachadas com cantarias calcárias e azulejos e as coberturas em telha cerâmica.

Esta cidade multifacetada foi o palco de múltiplas expressões culturais que lhe conferiram especificidade, que se foram sedimentando e reinventando, mantendo a identidade cultural da população e reforçando o seu enraizamento.

Desde tempos antigos, há registo de descrições e referências a Lisboa. Destacam-se, a carta do cruzado Raul a Osberno, que descreve a conquista de Lisboa aos Mouros no século XII, e obras de humanistas como Damião de Góis, Francisco da Holanda e Luís de Camões. A cidade foi ainda celebrada por Voltaire, Eça de Queiroz, Fernando Pessoa e José Saramago, entre outros.



A partir do amplo estuário do Tejo, há conhecimento de representações ímpares da cidade. Dentre todas as que chegaram aos nossos dias, a mais famosa é a de Georgius Braunius, de 1598. Destacam-se também as múltiplas panorâmicas de Lisboa: a da Biblioteca de Leyden, do século XVI, a do painel de azulejos, da primeira metade do século XVIII, atribuído a Gabriel del Barco, e a de Bernardo Caula, que representa a cidade em ruínas oito anos após o terramoto.

Lisboa tem em curso um vasto programa de valorização ambiental, paisagística e cultural de todo este património. O reforço da relação cidade-rio-porto é o auge deste programa, já viabilizado e em curso através de uma eficaz cooperação institucional.

A Lisboa contemporânea valoriza a Lisboa ancestral, redescobre o rio e requalifica a frente ribeirinha. Salvaguarda o seu património arquitetónico, arqueológico, industrial e portuário, integrando-o em novos espaços adaptados a funções culturais e de lazer. É uma cidade integradora dos valores do passado numa atualização sustentável.



COMPARAÇÃO COM BENS SIMILARES

Para realizar a comparação com outras cidades foram identificadas seis características que constituíram critérios para a sua seleção. Esta incidu sobre cidades cujo desenvolvimento se deveu a uma atividade portuária e comercial relevante num período histórico significativo, que estiveram ligadas à exploração de rotas marítimas e em que a paisagem urbana conservou as marcas das sucessivas fases da sua evolução e influências. Outro critério foi a presença de características iluministas nas cidades. A comparação abrangeu também a articulação entre os diversos tecidos urbanos e destes com a morfologia do território e, ainda, a possibilidade de se estabelecerem relações visuais cénicas. Tal como Lisboa, estas cidades apresentam manifestações culturais específicas que espelham influências e intercâmbios com as culturas com que se relacionaram.

Foram selecionadas vinte e seis cidades onde se observam estas características. No documento Formulário foi realizada comparação relativamente às quinze onde se verificam mais características. Seguidamente é feita comparação mais detalhada com as vinte e seis cidades selecionadas.

Pretende-se com esta análise comparativa demonstrar o valor universal excecional de Lisboa relativamente a cidades que se enquadrem nas mesmas áreas temáticas, integradas ou não nas Listas do Património Mundial da UNESCO, e assim demonstrar que a candidatura desta cidade vem preencher uma lacuna na lista do Património Mundial. A comparação é organizada por ordem alfabética dentro de cada contexto geográfico: Nacional, Mediterrâneo, Norte da Europa e grupo América do Sul, Caraíbas e Ásia.

Contexto nacional

Partindo da premissa que Lisboa foi desde sempre uma cidade portuária mercantil importante, e é a principal do período de exploração das rotas marítimas a partir do século XV, a primeira comparação a fazer é com outras cidades portuárias portuguesas que tenham estado diretamente envolvidas neste período, de que é um exemplo incontornável a cidade de Angra do Heroísmo. No entanto, existem outras cidades portuguesas que, embora com um envolvimento indireto, devem o seu desenvolvimento à atividade portuária e comercial. Desta situação é exemplo a cidade do Porto. Também a cidade de Lagos se desenvolveu devido à atividade portuária no período de exploração marítima, sobretudo no século XV. Para além destas destaca-se Vila Real de Santo António pela sua importância como cidade iluminista.

Angra do Heroísmo: A cidade integra a Lista do Património Mundial por estar direta e materialmente associada às grandes explorações marítimas a partir dos finais século XV e por ter sido ponto de paragem obrigatória dos navegadores portugueses durante quase três séculos. A cidade conserva o tecido urbano que tanto a caracteriza, os sistemas defensivos e edifícios históricos relevantes.

Embora Angra do Heroísmo esteja relacionada com os Descobrimentos, o seu papel consistiu principalmente em ser um porto de apoio nas viagens marítimas dos portugueses onde as trocas e o



comércio não eram a atividade mais importante, ao contrário de Lisboa onde a atividade portuária e comercial sempre teve uma importância primordial. Também o facto de a cidade ter sido criada a partir do século XVI e o seu tecido urbano corresponder a uma malha quadriculada assente sobre um território com uma ligeira inclinação, constitui uma diferença substancial relativamente a Lisboa, que contém tecidos urbanos diversificados, fruto das diversas ocupações e influências, que se adaptam a um território acidentado.

Assim, e apesar de Lisboa e Angra do Heroísmo estarem relacionadas com o tema da exploração marítima, os seus papéis foram complementares na atividade marítima, assumindo Lisboa um papel fulcral enquanto centro de trocas e comércio e ainda como centro de conhecimento, base logística e de construção naval, cabendo a Angra do Heroísmo o papel complementar como porto de escala e de apoio à navegação. Relativamente às influências recebidas, Angra do Heroísmo reflete essencialmente o urbanismo e arquitetura colonial portuguesa, que soube manter e preservar.

Lagos: A cidade não tem nenhum setor integrado nas listas do Património Mundial.

O núcleo urbano histórico de Lagos corresponde ao antigo porto mercantil, localizado estrategicamente na ribeira de Bensafrim. A cidade desenvolveu-se principalmente no século XV dentro de muralhas e expandiu-se no século XVI, sendo então construída uma nova muralha. No século XVII, reforçou-se a estrutura defensiva da cidade com fortes. Após o terramoto e maremoto de 1755, a cidade entrou em declínio, apenas retomando importância no século XIX com a instalação de diversas indústrias.

Durante o século XV Lagos foi um importante centro de comércio de produtos exóticos, de marfim, de ouro e prata vindos de África, e aqui se criou a Casa de Arguim e da Guiné para administração comercial destes novos territórios. A cidade teve um papel pioneiro no transporte e tráfico de escravos oriundos de África, partindo daqui em 1444 a primeira expedição para captura de escravos na costa africana, que depois se destinaram principalmente a Sevilha, Cádiz e Valencia. Comparativamente com Lisboa, Lagos também se destacou no período dos Descobrimentos, em especial no século XV, mas o seu protagonismo foi reduzido em 1460 o que provocou a transferência da Casa de Arguim e da Casa da Guiné para Lisboa. O declínio da cidade acentuou-se com a catástrofe de 1755 e diversos ataques piratas posteriores. A cidade mantém apenas edificações pontuais e estruturas defensivas do período dos Descobrimentos e o seu tecido urbano é menos diversificado e complexo do que o de Lisboa.

Porto: Cidade marítima portuária histórica, integra a Lista do Património Mundial pelo tecido urbano do seu centro histórico e pelos inúmeros edifícios classificados.

Em termos de dimensão da atividade portuária e de importância histórica, o Porto é a única cidade portuguesa com que Lisboa pode ser realmente comparada. Estas duas cidades foram durante muitos séculos responsáveis pela maior parte da movimentação de mercadorias no território de Portugal continental, devendo o seu desenvolvimento urbano e cultural ao comércio marítimo internacional.



Embora partilhem a localização junto à foz dos maiores rios nacionais e se situem ambas em zonas de terreno acidentado com pendentes voltadas a sul e um rico e diverso património arquitetónico, muitos aspetos históricos e geomorfológicos diferenciam as duas cidades, dos quais se destaca o facto de Lisboa ter sido o principal palco dos Descobrimentos, com todo o desenvolvimento económico, alterações portuárias e expansão urbana que daí decorreu, bem como o papel de capital do império colonial e a série de funções governamentais, sociais e administrativas a ela associadas.

Vila Real de Santo António: A vila não tem nenhum setor urbano nas Listas do Património Mundial.

O Núcleo Pombalino e a vizinha vila de Cacela Velha são candidatos a inscrição na Lista Indicativa de Portugal.

Vila de fundação régia, localizada na margem direita da foz do rio Guadiana. Substituiu a próxima e extinta Santo António de Arenilha destruída pelo mar nos séculos XVI ou XVII. A escolha do local para a nova vila resulta da intenção de fazer frente ao poder espanhol, materializada com a “fachada” frente a Espanha.

Desenhada pela Casa do Risco sob orientação de Reinaldo dos Santos, a vila foi inaugurada em 1776. Corresponde ao culminar do grande projecto reformador pombalino, pensada de raiz como uma vila fábrica para a transformação do pescado e para habitação. Com o final do reinado de D. José, em 1777, e subsequente afastamento do Marquês de Pombal, a vila entrou em processo de abandono, ressurgindo somente em meados do século XIX com o desenvolvimento da indústria conserveira.

O traçado urbano espelha a simbologia do poder, sendo a Praça Real o centro cívico e comercial da vila. É um aglomerado de dimensão contida, que mantém o seu carácter e que nunca teve o papel relevante de Lisboa.

Contexto Mediterrânico

As cidades que fazem parte deste grupo desenvolveram-se essencialmente devido ao comércio marítimo na área do Mediterrâneo, à exceção de Sevilha cuja inclusão está relacionada com o importante papel da cidade na exploração do mundo e comércio marítimo de larga escala.

Argel: A cidade integra a Lista do Património Mundial pelo seu *Kasbah*.

Argel é uma cidade mediterrânica habitada desde o século VI a.C., quando aí foi criado um entreposto fenício. O *Kasbah* de Argel define-se pela implantação numa colina, o seu denso urbanismo, o uso comercial, residencial e religioso, e a zona da Alfândega, junto ao porto.

Em termos de paisagem urbana, Argel apresenta características semelhantes a Lisboa apenas no que se refere à articulação com a frente ribeirinha do tecido urbano denso de influência islâmica, que em Lisboa se situa em Alfama e na Colina do Castelo. No entanto, a extensão da frente ribeirinha, que sempre contribuiu para o desenvolvimento urbano da cidade, a diversidade de tecidos urbanos e a forte ligação ao território, que se manifestam em Lisboa, constituem atributos diferenciadores das duas cidades.



Barcelona: O núcleo histórico de Barcelona corresponde a uma área próxima do mar, onde os romanos fundaram a cidade, no século I a.C., e a estruturaram de acordo com o seu característico traçado ortogonal. A cidade cresceu dentro do perímetro das muralhas, sofrendo diversas fases de alargamento e reforço, até ao final do século XVIII.

Na sua origem, Barcelona tinha essencialmente um papel defensivo. Graças à sua localização estratégica, e embora com um porto rudimentar, a partir do século II a cidade tornou-se um importante centro de comércio marítimo do Mediterrâneo. No final do século XV entrou em declínio devido à deslocação deste comércio para o Atlântico, como consequência dos Descobrimentos. Um século mais tarde, após a construção de um novo porto, reforçou a atividade mercantil e reativou a sua economia, retomando um desenvolvimento moderado.

Em meados do século XIX iniciou-se uma transformação da paisagem urbana devido ao florescimento da indústria, nomeadamente têxtil, que contribuiu para a densificação do espaço muralhado. Posteriormente, com a demolição das muralhas, abriu-se caminho à expansão da cidade e à concretização do Plano de Cerdà do qual resultou a Barcelona contemporânea.

Relativamente aos traçados e estruturas urbanas, existem diferenças substanciais entre Barcelona e Lisboa. No caso de Barcelona, a cidade foi construída sobre um território plano e desenvolveu-se intramuros, só se expandindo de forma explosiva, mas planificada, a partir do século XIX. A zona portuária manteve-se também contida no espaço do porto inicial, conservando ainda algumas estruturas arquitetónicas como os estaleiros navais, as *Drassanes*. No caso de Lisboa, devido à contínua evolução urbanística a que assistiu durante séculos, os tecidos urbanos associados à frente ribeirinha cresceram de forma integrada, quer sobre a morfologia acidentada do território, quer na relação que estabelecem entre si, mesmo correspondendo a diferentes influências ou épocas históricas.

Relativamente aos fatores de desenvolvimento das duas cidades verifica-se que, embora ambas estejam associadas à atividade comercial e portuária, no caso de Barcelona, este desenvolvimento baseou-se na atividade mercantil com outras regiões de Espanha e do Mediterrâneo, enquanto Lisboa se relacionou não só com o Mediterrâneo, como com outros continentes, principalmente após os Descobrimentos, o que permitiu o estabelecimento de trocas comerciais e intercâmbios culturais que estão na origem da primeira globalização.

Cádiz: A cidade não tem nenhum setor integrado nas Listas do Património Mundial.

Corresponde ao antigo porto mercantil da península da baía de Cádiz, fundada pelos fenícios. Considerada pelos romanos como o terceiro porto mais importante da Europa, a cidade desempenhou um papel relevante nas rotas comerciais marítimas. Devido à sua localização, entre o Mediterrâneo e o Atlântico, Cádiz foi desde sempre uma cidade portuária muito disputada e alvo de ataques.



No século XVII serviu de porto de escala a várias cidades espanholas, sobretudo Sevilha, para carregamento dos navios com destino à *Nova Espanha* e às Índias Ocidentais. A partir do século XVIII iniciou-se o período aureo de Cádiz com a transferência do centro administrativo do monopólio comercial, até então em Sevilha, período que terminou no fim do século com o crescente número de portos autorizados a efetuar comércio com as Índias.

Quanto ao território, a cidade é plana e não apresenta grande diversidade ao nível do traçado urbano. A malha é regular e integra pré-existências de arruamentos e praças. A paisagem é pontuada por edifícios de interesse patrimonial relevante, tais como a Catedral, as igrejas de Santa Cruz e de São Filipe Néri e as torres de vigia dos séculos XVII e XVIII.

Comparativamente com Lisboa, e apesar da sua importância enquanto porto marítimo e de intercâmbio comercial, na fase da exploração marítima global, Cádiz dividiu o seu papel com Sevilha, atingindo um lugar cimeiro apenas no século XVIII. Apesar disso, a sua importância não é comparável a Lisboa, que teve maior permanência a vários níveis de ação na expansão marítima, e também na troca de influências com outras culturas. Em termos patrimoniais, Cádiz contém exemplos arquitetónicos de interesse relevante; no entanto, a nível de traçados urbanos, corresponde a um tecido menos diversificado, menos acidentado e mais restrito do que Lisboa.

Génova: A cidade integra a Lista do Património Mundial apenas com uma área histórica restrita que corresponde à *Strade Nuova* e ao *Sistema de Palácios do Rolli*.

Cidade marítima portuária, de grande importância no contexto do Mediterrâneo desde o século XI, foi um importante pólo de desenvolvimento da navegação, quer ao nível do conhecimento técnico e científico, quer financeiro e comercial, que contribuiu para que outros povos viessem a expandir a atividade marítima ao longo do Atlântico, nomeadamente os portugueses e os espanhóis. Devido à sua topografia acidentada, a cidade desenvolve-se ao longo de uma estreita faixa, voltada a sul, entre as montanhas e o mar e os tecidos urbanos diversificados estão adaptados a estas características geomorfológicas.

Apesar do seu importante papel no desenvolvimento da atividade marítima, Génova não está diretamente associada à exploração de novas rotas comerciais, tal como aconteceu com Lisboa a partir do século XV. De facto, o período de maior fulgor económico de Génova é anterior ao de Lisboa e a sua área de influência restringe-se ao Mediterrâneo.

Embora Génova tenha uma frente marítima extensa na qual se desenvolve a atividade portuária, como em Lisboa, a relação que estabelece com a cidade é bastante distinta, já que não oferece espaços de encontro e transição para o restante tecido urbano que no caso de Lisboa se estabelece através de praças, de que é exemplo máximo o Terreiro do Paço.



Istambul: A cidade integra a Lista do Património Mundial pelas áreas históricas que abrangem os principais monumentos e a muralha construída por Teodósio II, no século V.

Situada no cruzamento entre dois continentes e na entrada do estreito de Bósforo, a cidade foi sucessivamente capital dos impérios Romano do Oriente, Bizantino e Otomano. Esteve também, desde sempre, relacionada com o controle das rotas comerciais entre o Oriente e o Ocidente, embora o seu papel nestas relações tenha perdido importância a partir da descoberta do caminho marítimo para a Índia pelos portugueses. Istambul testemunha, através dos inúmeros monumentos de carácter religioso e militar e dos diversos tecidos urbanos e arquitetura civil, as marcas das sucessivas ocupações e culturas desde a sua origem.

Apesar da sua localização estratégica e do peso que a atividade portuária desempenhou na cidade, Istambul não apresenta, como Lisboa, uma frente ribeirinha onde se destaquem estruturas urbanas. Por outro lado, embora ambas apresentem grande diversidade de tecidos urbanos, em Lisboa existe uma maior continuidade e integração entre estes, enquanto em Istambul as grandes estruturas urbanas de carácter monumental assumem um papel de relevo que se sobrepõe e marca definitivamente o *skyline* da cidade.

Habitualmente comparada com Lisboa pela sua luz, Istambul foi inúmeras vezes palco de acontecimentos relevantes para a história universal e serviu de inspiração para a criação de obras artísticas e literárias, à semelhança de Lisboa.

Marselha: A cidade e a sua baía encontram-se identificadas na Lista Indicativa para inscrição como paisagem cultural. A área candidatada abrange a frente marítima, a cidade velha de Marselha e as ilhas situadas ao longo da baía.

Marselha, cidade mediterrânica de longa história, inicia a atividade portuária e comercial durante a ocupação fenícia do século VI a.C. Após um longo período de reduzida importância, a fase de maior protagonismo da cidade iniciou-se no século XVIII com a construção do novo porto, que se tornou o segundo maior francês para emigração rumo às Américas. O antigo porto é uma bolsa interior, protegida por fortificações, em volta da qual se desenvolveu o tecido urbano em diversas fases.

Apesar de Marselha ser uma cidade portuária, verifica-se que a atividade portuária de grande escala é relativamente recente e não se relaciona com a exploração de novas rotas marítimas, como em Lisboa. Por outro lado, existem diferenças substanciais na paisagem urbana das duas cidades, quer na morfologia da área portuária que, ao contrário de Lisboa, é uma enseada e não uma frente ribeirinha linear, quer na diferente forma de integração e adaptação dos tecidos urbanos às características do território.

Nápoles: A cidade integra a Lista do Património Mundial pelo seu Centro Histórico, que abrange a frente marítima e uma extensa área urbana.



Cidade marítima portuária, Nápoles mantém marcas das diversas ocupações desde a fundação pelos gregos em 470 a.C., tanto nos seus tecidos urbanos como nos inúmeros monumentos.

Embora o desenvolvimento de Nápoles esteja associado à atividade comercial e portuária, as principais diferenças relativamente a Lisboa referem-se aos intercâmbios culturais. Enquanto Nápoles foi influenciada por povos Mediterrânicos, Lisboa não só reflete estas influências, desde fenícios a árabes do Norte de África, como ainda um vasto conjunto de outras culturas com que contactou no período de exploração de novas rotas marítimas, a partir do século XVI.

Para além dos aspetos históricos e geoculturais, as diferenças referem-se também à adaptação das estruturas urbanas aos diferentes contextos geomorfológicos. Lisboa não só revela uma maior proximidade e integração dos diversos bairros e tecidos urbanos de diferentes épocas, como permite uma maior diversidade de pontos de observação sobre si mesma através dos miradouros situados nas suas colinas, o que não acontece em Nápoles.

Sevilha: O sector da cidade reconhecido como Património Mundial corresponde a um complexo monumental que engloba a *Catedral*, o *Alcazar* e o *Arquivo das Índias*.

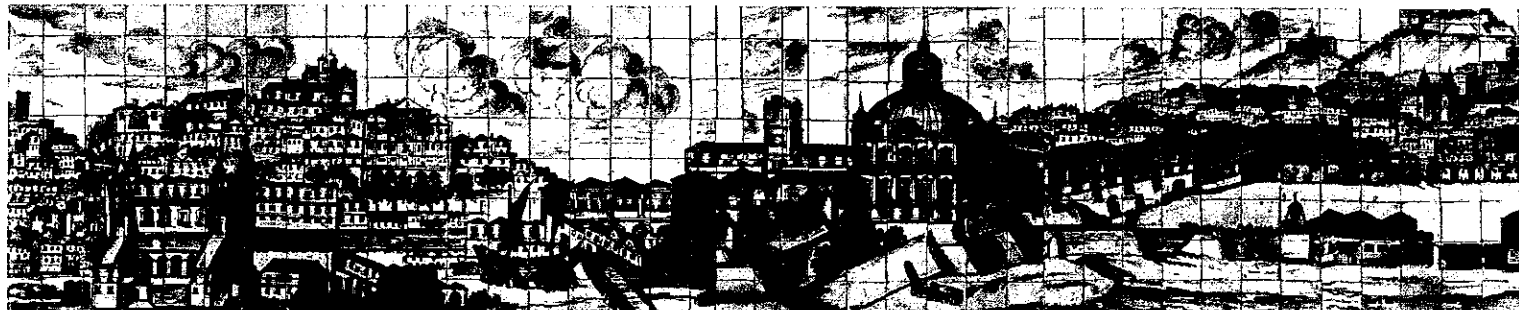
Sevilha, cidade portuária interior junto ao rio Guadalquivir, foi um importante centro económico, político e multicultural nos séculos XVI e XVII. Ao longo deste período foi o principal porto espanhol de ligação das rotas de comércio transoceânico com outros centros europeus, como Inglaterra, Flandres e Génova. Em meados do século XVII a cidade entra em declínio devido à crise económica que afetou a Europa e a outras calamidades, como epidemias e a crescente dificuldade de navegação do rio Guadalquivir. Apesar da sua importância no comércio marítimo de larga escala, em Lisboa a permanência desta atividade prolongou-se por um período mais longo.

Em termos arquitetónicos Sevilha contém diversos edifícios notáveis, nomeadamente o conjunto monumental reconhecido como Património Mundial, bem como outros edifícios associados ao comércio espanhol nas Américas e inúmeras estruturas conventuais situadas na área urbana histórica.

Em comparação com Lisboa, verifica-se que o tecido urbano de Sevilha se localiza em território pouco acidentado e não tão diversificado, nem reflete um conjunto tão extenso de influências.

Tânger: Situada a sudoeste do Estreito de Gibraltar, Tânger é considerada uma das portas entre o Atlântico e o Mediterrâneo. Foi fundada por colonos cartagineses no século V a.C., e foi cobiçada por romanos, vândalos, árabes e cristãos pela sua localização privilegiada e por ser um porto acessível.

Na segunda metade do século XV, Tânger foi conquistada pelos portugueses que, por motivos estratégicos e de defesa, a reduziram a cerca de um quarto da superfície tendo construído uma nova muralha e novos acessos à zona ribeirinha. A atual Medina corresponde a esta área na qual é possível



verificar o traçado urbano antigo, denso e irregular, em terreno de encosta, permanecendo o antigo castelo no topo, a antiga catedral e as diversas praças ao longo da anterior Rua Direita traçada pelos portugueses. Este eixo ligava a Porta do Mar à Porta do Campo. Extramuros, o tecido urbano é substancialmente diferente e disperso, não sendo evidente a conexão entre as várias zonas construídas.

Comparando com Lisboa, apesar de Tânger estar estrategicamente localizada nas rotas de expansão marítima e comercial, a sua importância portuária não foi determinante no que se refere a esta temática. Esta cidade serviu principalmente como porto de escala para outros destinos do Novo Mundo, e à semelhança de Cádiz também sofreu inúmeros ataques ao longo do tempo, que influenciaram a sua posição dominante.

Embora Tânger manifeste, no seu património, diversas influências da cultura árabe e europeia, comparativamente, Lisboa apresenta-se como uma cidade profundamente enriquecida pelas inúmeras culturas dos diversos continentes com que se relacionou nas várias fases da sua longa história. Em termos urbanísticos, Lisboa apresenta uma grande ligação entre os vários tecidos, o que não é evidente em Tânger.

Contexto Norte da Europa

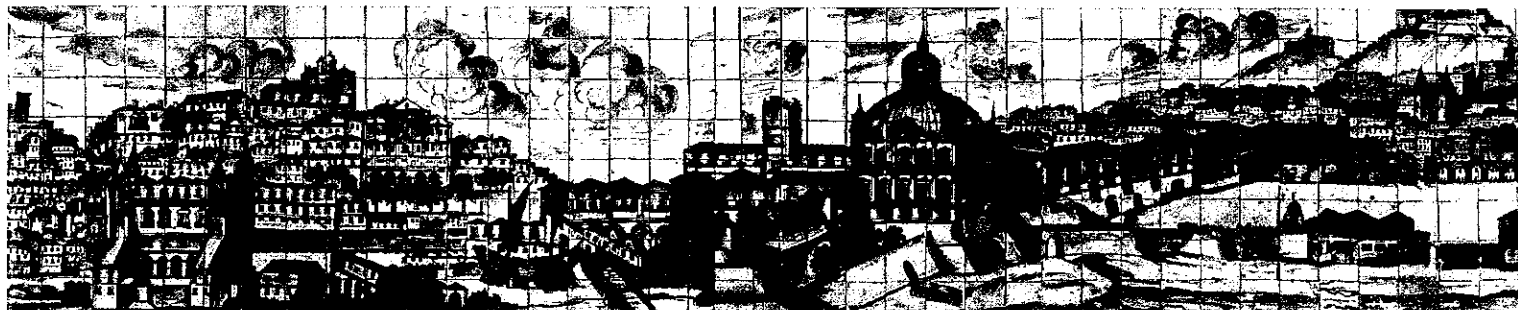
Parte das cidades que integram este grupo estão relacionadas com o contexto mercantil marítimo do Norte da Europa. Nos casos de Amsterdão e Liverpool, as suas atividades portuárias e comerciais estenderam-se ainda a outros continentes. As características iluministas constituíram critério de selecção de Bordéus e de São Petersburgo.

Amsterdão: A cidade integra a Lista do Património Mundial pelo conjunto urbano construído no século XVII, compreende uma rede de canais para oeste e sul do núcleo histórico e do porto medieval.

Cidade portuária, com origem no século XIV, converteu-se numa das mais ricas do mundo no início do século XVII, base de uma rede comercial mundial desenvolvida a partir da criação das companhias holandesas das Índias Orientais e Ocidentais. Do seu porto saíam também embarcações para o mar Báltico, América do Norte e África. Nessa época, Amsterdão era um dos principais portos comerciais da Europa e um importante centro financeiro mundial. Nos séculos XVII e XVIII, Amsterdão foi reconhecida como modelo de cidade portuária integralmente artificial, apoiada em sofisticados sistemas hidráulicos, bem como pelos seus edifícios com remates superiores de fachada únicos.

Embora Amsterdão seja uma cidade evolutiva com tecidos urbanos de diversos períodos históricos, a área considerada com valor universal excecional é a que corresponde às áreas edificadas nos séculos XVII e XVIII, coincidindo com o período de maior riqueza da cidade.

Apesar de as duas cidades terem sido contemporâneas no relacionamento com a exploração de rotas comerciais marítimas, num período significativo dos séculos XVII e XVIII, evidenciam tipologias urbanas diferenciadas, que serviram de influência a outras cidades portuárias. O modelo de Amsterdão reflete-se



essencialmente em cidades portuárias do Norte da Europa, onde o sistema de canais é dominante, enquanto Lisboa influenciou o estabelecimento de cidades portuárias em baías e portos naturais, estrategicamente situados, e ao longo de uma frente ribeirinha a partir da qual a estrutura urbana se desenvolve.

Antuérpia: A cidade encontra-se identificada na Lista Indicativa pelo Núcleo Histórico localizado entre o rio Escalda e as muralhas do século XIII.

A história de Antuérpia está indissociavelmente ligada ao rio Escalda. O desenvolvimento espacial da cidade foi, em grande medida, determinado por sucessivas expansões portuárias. Em volta do tecido irregular de ruas estreitas, implantaram-se canais de defesa, transformados em infraestruturas de transporte terrestre a cada nova expansão.

Na Idade Dourada de Antuérpia, na sequência da chegada dos portugueses à Índia e da transferência, para esta cidade, da anterior feitoria de Bruges, seguida da criação de uma colônia mercantil espanhola, verificou-se um forte desenvolvimento da atividade portuária, determinante para que se tornasse um importante centro de comércio e um pólo de desenvolvimento cultural. A partir de 1585 a cidade entra em declínio, devido às dificuldades criadas pelos holandeses no acesso ao mar, e só a partir do final do século XVIII, com o levantamento do bloqueio, viria a ter um novo impulso de crescimento.

Lisboa e Antuérpia partilham um tipo de desenvolvimento apoiado, fundamentalmente, numa forte relação com o rio e nas atividades portuárias e comerciais, determinantes nas diversas fases da sua evolução. As duas cidades mantiveram ainda uma estreita relação comercial, no século XVI, no auge da exploração de rotas marítimas pelos portugueses.

Em paralelo com estas semelhanças, existem inúmeras diferenças entre as duas cidades. Destacamos, a morfologia do território e o tipo de influências que assimilaram, que se refletem quer nos seus tecidos urbanos, quer na forma como estes se adaptaram ao território, para além dos testemunhos de intercâmbio cultural que evidenciam, que no caso de Lisboa são de âmbito intercontinental e, no caso de Antuérpia, se restringem essencialmente ao Norte da Europa.

Bordéus: A cidade integra a Lista do Património Mundial pelo vasto conjunto urbano e arquitetónico criado segundo os princípios do Iluminismo entre os séculos XVII e XX.

Bordéus é uma cidade portuária e a capital de uma região cuja economia está diretamente relacionada com a produção de vinho. A cidade testemunha o intercâmbio de valores humanos ao longo de mais de dois mil anos, com destaque para as transformações que ocorreram a partir do século XVIII, quando a cidade aderiu aos princípios do Iluminismo. A unidade e a coerência dos traçados urbanos e conjuntos arquitetónicos, que se estendem por cerca de 1700 hectares, refletem de modo evidente estas tendências clássicas e neoclássicas.



As principais diferenças que se podem observar entre Bordéus e Lisboa baseiam-se em três aspetos: o âmbito da atividade portuária que serviu de base ao desenvolvimento da cidade, que no caso de Bordéus é essencialmente regional e de trocas com o Norte da Europa; a morfologia do território, que em Bordéus, contrariamente a Lisboa, é praticamente plana; e ainda o facto de em Bordéus existir uma tendência arquitetónica predominante, baseada no Iluminismo, enquanto em Lisboa, apesar desta tendência também se manifestar de forma expressiva na Baixa Pombalina, existir uma ampla diversidade de tecidos urbanos interligados e de diferentes épocas concentrados num território bastante menos extenso.

Liverpool: A cidade é reconhecida como Património Mundial pelo seu porto e áreas da cidade mercantil a ele associadas.

É uma cidade marítima portuária, que foi um importante centro comercial desde o século XVIII até ao início do século XX. Está relacionada com o comércio marítimo em larga escala do Império Britânico e com o transporte de escravos e emigrantes para o continente americano. As suas estruturas portuárias e o tecido urbano envolvente são, ainda hoje, o reflexo das sucessivas épocas e do processo evolutivo que se assistiu nestas áreas.

Embora Liverpool esteja relacionada com o comércio marítimo intercontinental e tenha sido um importante entreposto comercial, como Lisboa, existe um conjunto de diferenças entre as duas cidades de que se destaca, por um lado, o período em que estas atividades foram desenvolvidas, que em Liverpool é muito posterior, e, por outro, o facto de Lisboa conter um tecido urbano histórico que está indissociavelmente ligado à frente ribeirinha.

Londres: A cidade não tem nenhum setor inscrito nas Listas do Património Mundial.

A cidade foi fundada pelos Romanos no século I como porto de embarque de minerais e cereais e deu início à construção da sua muralha no século II. A partir do século V, com os saxões, cresceu lentamente intramuros até ao século IX, quando foi arrasada pelos vikings. A cidade reiniciou o seu desenvolvimento no século XI e recuperou económica e culturalmente no século XVI, fruto das expedições marítimas para a América e Índia, e do crescimento do comércio internacional, assumindo-se Londres como um dos principais portos do Mar do Norte. Também ao nível da estrutura urbana a cidade cresceu substancialmente, ao longo das margens do rio Tamisa e nos núcleos históricos da cidade: Westminster e Southwark.

Em meados dos séculos XVII um grande incêndio destruiu quase toda a cidade, incluindo inúmeros edifícios históricos, fenómeno que se repetiu durante a Segunda Grande Guerra. Atualmente, subsistem alguns traçados viários que remontam ao período romano e à Idade Média.

Quando comparadas as cidades de Londres e Lisboa há que realçar, em primeiro lugar, as diferenças substanciais ao nível do território e dos tecidos urbanos. Em Londres o território é plano, a evolução



urbanística acompanhou o traçado do rio Tamisa e embora os tecidos urbanos mantenham parte da estrutura original, sofreram alterações substanciais ao nível da largura dos arruamentos e da dimensão dos lotes, hoje preenchidos por uma ampla variedade de modelos arquitetónicos. Em Lisboa, pelo contrário, os diferentes tecidos urbanos correspondem às sucessivas épocas de evolução da cidade e tiveram que se adaptar a um território irregular, o que permite a observação da cidade a partir de diferentes locais elevados. Apresentam também uma considerável homogeneidade nos traçados urbanos e nas tipologias arquitetónicas, que contribui para a existência de identidades distintas nos diversos bairros da cidade.

No que se refere às frentes ribeirinhas, verifica-se que em Londres a atividade portuária se encontra confinada a uma reduzida parcela do tráfego comercial do Reino Unido, subsistindo escassos vestígios do passado. Quanto a Lisboa, não só mantém a atividade portuária como conserva inúmeros testemunhos relacionados com os Descobrimentos e com a exploração de rotas marítimas comerciais ao longo de séculos.

À semelhança de Lisboa, Londres está diretamente associada à introdução de novas ideias de âmbito universal, e a obras artísticas e literárias.

Riga: A cidade integra a Lista do Património Mundial pelo seu Centro Histórico.

Cidade portuária da Liga Hanseática, Riga foi um porto comercial importante entre os séculos XIII e XV. O tecido do centro histórico divide-se em três áreas: medieval (relativamente intacto), antigos bairros suburbanos dos séculos XVIII e XIX e avenidas do século XIX. Riga é uma cidade evolutiva que preserva os tecidos urbanos das sucessivas fases de ocupação, nomeadamente sueca e russa, com edifícios em madeira, e influências, em particular da Arte Nova, a partir dos finais do século XIX.

O desenvolvimento urbano de Riga está indissociavelmente ligado à atividade marítima portuária e a cidade soube manter os seus tecidos urbanos desde o período medieval até ao início do século XX. Estas características aproximam-na de Lisboa. No entanto, os intercâmbios culturais que Riga testemunha são mais restritos, essencialmente relacionados com o Báltico e com o Atlântico Norte.

São Petersburgo: A cidade é reconhecida como Património Mundial pelo seu Centro Histórico e Conjuntos de Monumentos relacionados.

Situa-se no mar Báltico num extremo do Golfo da Finlândia numa antiga zona abaixo do nível do mar constituída por várias ilhas, ficando conhecida por “Veneza do Norte”. A cidade foi fundada em 1703 após a tomada aos Suecos, pelo czar Pedro, o Grande. A sua construção iniciou-se com a Fortaleza de Pedro e Paulo, seguida de outras para defesa da cidade. É banhada pelo rio Neva, e assenta numa rede de canais e amplas avenidas.



O plano da cidade seguiu originalmente o modelo de Amesterdão, devido às características do território, e posteriormente, por influência de Versalhes, foram adotadas sumptuosas avenidas e praças com magníficos palácios, monumentos, igrejas e jardins. Foram requisitados diversos arquitetos internacionais que atribuíram diferentes estilos à cidade ao longo do tempo, predominando o barroco, o rococó e o neoclássico.

São Petersburgo afirmou-se como capital em 1713 até 1728, e depois em 1732 até 1918 aquando da Revolução Russa, período após o qual foi substituída por Moscovo.

Comparativamente com Lisboa, São Petersburgo também mantém uma forte ligação com o rio Neva e a sua paisagem urbana histórica é marcada por edificações de referência e jardins. No entanto, diferem no tipo de território, que em São Petersburgo é plano e vasto, atravessado por canais, e em Lisboa é composto por colinas e vales numa escala de maior proximidade.

Em termos urbanísticos ambas as cidades expressam o período iluminista do século XVIII, sendo que em São Petersburgo é especialmente o estilo predominante, enquanto em Lisboa são experienciados, para além desse estilo, outros traçados urbanos de épocas relevantes que no território se apresentam de forma integrada e relacionada.

Comparativamente com Lisboa, São Petersburgo surge no contexto da exploração marítima num período posterior e a sua relação mercantil estabelece-se sobretudo no mar Báltico. Foi indiscutivelmente a porta a oeste mais importante para a Rússia. Lisboa por sua vez ampliou as suas relações mercantis para o mundo, contactando e recebendo influências dos continentes com que se cruzou.

Contexto América do sul, Caraíbas e Ásia

As cidades que fazem parte deste grupo estão diretamente relacionadas com a exploração do mundo que portugueses e espanhóis iniciaram nos finais do século XV, à exceção de Valparaíso, cujo desenvolvimento se deveu ao comércio marítimo a partir do final do séc. XIX, e de São Luís do Maranhão pelo seu urbanismo iluminista. Distribuem-se quer pelo continente americano, quer pela Ásia.

Havana: A cidade integra a Lista do Património Mundial pelo seu Núcleo Histórico e Sistema de Fortificações.

Havana é uma cidade portuária colonial, fundada pelos espanhóis no início do século XVI, tendo-se tornado desde cedo o maior porto das Caraíbas. A partir do século XVII desenvolveu o estaleiro naval mais completo do Novo Mundo e um sistema de fortificações para proteção do canal de entrada na baía. A Cidade Velha mantém-se fiel ao seu traçado urbano original, com grandes praças à volta das quais se encontram dos mais notáveis edifícios dos períodos barroco e neoclássico e um conjunto homogéneo de



casas particulares com elementos característicos da arquitetura colonial espanhola, como arcadas, pátios internos e varandas.

Verifica-se que existem aspetos comuns entre Havana e Lisboa, nomeadamente nas frentes ribeirinhas, que integram atividades de carácter portuário, comercial e ligadas ao poder administrativo, e estão articuladas de forma integrada com o restante tecido urbano.

Devido ao espaço temporal em que Lisboa e Havana se desenvolveram e à sua morfologia, as duas cidades apresentam diferenças substanciais nos tecidos urbanos e na sua interligação e adaptação ao território. Se em Havana os tecidos urbanos regulares estão delimitados por espaços públicos de articulação e assentam sobre um território plano, em Lisboa verifica-se uma grande diversidade de tecidos urbanos entrelaçados e adaptados a um território irregular.

Embora situadas em diferentes continentes, Havana e Lisboa estão relacionadas com o tema da exploração do mundo. No entanto, diferem no papel que desempenharam neste contexto. Enquanto Havana representou, no âmbito da exploração marítima espanhola a partir do século XVI, o papel de capital colonial com relevância na indústria açucareira, tráfico de escravos e construção naval, Lisboa funcionou como um centro de trocas e comércio entre o Novo Mundo e a Europa e ainda como centro de conhecimento, base logística e de construção naval.

Macau: A cidade integra a Lista do Património Mundial pelo seu Centro Histórico.

Macau é uma das cidades portuárias mais antigas da Ásia que, a partir do século XVI, com a chegada dos portugueses, serviu de centro de desenvolvimento do comércio entre a China e o Ocidente. A estrutura urbana da cidade histórica é caracterizada por um conjunto irregular e diversificado de tecidos urbanos densamente ocupados, com ruas estreitas e sinuosas e um eixo principal que liga o porto à antiga cidadela, pontuado por praças públicas, que traduzem o conceito de *Rua Direita*, testemunho de outros assentamentos urbanos portugueses.

Embora Macau e Lisboa reflitam, no seu território, as marcas de influências de várias culturas, verifica-se que em Macau esse reflexo se traduz na mistura da cultura chinesa e portuguesa ao nível do urbanismo e do design de elementos arquitetónicos, e em Lisboa é possível diferenciar os tecidos urbanos que resultam de diversas fases da história da cidade e as sucessivas influências que recebeu.

As duas cidades têm em comum o facto de estarem relacionadas com a exploração marítima do mundo e do comércio internacional embora, tal como noutras cidades coloniais, o papel de Macau tenha sido o de servir como local de intercâmbio cultural e comercial entre o Ocidente e o Oriente. No caso de Lisboa, este papel é o de retaguarda e impulsionador deste contacto cultural e comercial com o Oriente, mas também com outras regiões desde a Europa, a África e à América Latina.



Rio de Janeiro: A cidade integra a Lista do Património Mundial como Paisagem Cultural moldada na intersecção entre as montanhas e o mar.

Fundada pelos portugueses na segunda metade do século XVI, à semelhança de Lisboa e de outras cidades coloniais portuguesas, a ocupação do território do Rio de Janeiro adaptou-se às condições morfológicas e o núcleo urbano estava implantado em boas condições de defesa junto a um porto natural. Atualmente, grande parte das estruturas urbanas originais estão muito alteradas, havendo apenas alguns arruamentos e conjuntos arquitetónicos que correspondem ao traçado urbano original, ao contrário de Lisboa que mantém os traçados urbanos e as estruturas arquitetónicas das suas sucessivas fases de evolução.

No contexto da exploração marítima do mundo, o Rio de Janeiro e Lisboa desempenharam papéis significativamente diferentes. Enquanto o Rio de Janeiro estava relacionado originalmente com as culturas do açúcar e do café, tendo também sido a capital do Brasil a partir de meados do século XVII até meados do século XX, Lisboa centralizava o comércio dos produtos e matérias-primas vindos das colónias bem como todas as atividades relacionadas com a exploração de novas rotas marítimas.

À semelhança de outras cidades coloniais brasileiras, o Rio de Janeiro reflete o intercâmbio das culturas do continente Africano, Europeu e da América do Sul, enquanto Lisboa manifesta na sua cultura as influências que recebeu, quer da cultura Europeia, e em especial do Mediterrâneo, quer dos diferentes continentes onde marcou presença ao longo de séculos.

A paisagem urbana do Rio de Janeiro tem sido continuamente divulgada através de músicas, poemas e pinturas, o que contribuiu para o seu reconhecimento mundial. Também Lisboa, ao longo da sua história, serviu de inspiração para a criação de obras artísticas e literárias.

Salvador: A cidade integra a Lista do Património Mundial pelo seu Centro Histórico.

Salvador é uma cidade portuária colonial, fundada pelos portugueses, que foi capital do Brasil desde meados do século XVI até meados do século XVIII. Está relacionada com o tema da exploração marítima do mundo que os portugueses iniciaram no final do século XV. Testemunha também, em termos arquitetónicos, a fusão ocorrida ao longo de vários séculos, entre as culturas europeia, africana e ameríndia pré-existente, presente nas múltiplas igrejas e conventos e nas ruas ladeadas de casas coloridas. A cidade evidencia ainda, nos seus traçados urbanos, os modelos renascentistas característicos do urbanismo colonial português, com a sua malha regular densamente construída adaptada a uma morfologia irregular.

Por influência de Lisboa, a cidade organiza-se em duas áreas distintas devido à morfologia do território e ao facto de replicar Lisboa: a frente ribeirinha, situada na zona baixa da cidade relacionada com as



atividades portuárias e comerciais, e a cidade alta, com vista para a cidade baixa, onde se desenvolvem atividades de natureza religiosa, habitacional e defensiva.

Embora haja pontos de contacto entre as duas cidades, desde logo porque Salvador seguiu o modo de fazer cidade português, existem diferenças significativas relativas à morfologia do território, espaço temporal em que ambas as cidades se desenvolveram e pelo facto de em Lisboa a frente ribeirinha, para além das funções comerciais e portuárias, acumular a função administrativa ligada ao poder, como testemunha o Terreiro do Paço onde se situou o Paço Real a partir do século XVI.

Ambas estão relacionadas com o tema da exploração do mundo; porém, o papel que desempenharam neste contexto é diferente. Lisboa funcionou como um centro de trocas e comércio e ainda como centro de conhecimento, base logística e de construção naval, enquanto Salvador se estabeleceu como capital da colónia portuguesa do Brasil, local de comércio de escravos e de exportação do açúcar para a Europa.

São Luís do Maranhão: O centro histórico, de feição iluminista, está reconhecido como Património Mundial desde 1997, incluindo edifícios de grande valor histórico-arquitetónico dos períodos colonial e imperial.

A cidade foi fundada em 1612 no topo de uma península pelos franceses, razão da sua designação, sendo tomada pelos portugueses logo passados dois anos. No século XVIII, com o Marquês de Pombal, teve um apogeu económico que a tornou num dos principais portos da região para exportação de produtos, nomeadamente arroz e algodão. A cidade desenvolveu-se e expandiu-se seguindo o plano regular e geométrico do engenheiro militar Francisco Frias de Mesquita. Destacam-se a orientação do tecido para maior aproveitamento de sombra e de ventilação marítima, a estrutura de gaiola e a adaptação da arquitetura às condições climáticas de que são exemplo as varandas em madeira. As construções mantêm características que lhe conferem singularidade, de que são expoente máximo o revestimento de fachadas com azulejos. A partir do primeiro quartel do século XX a cidade entrou em fase de estagnação económica e consequente degradação do edificado.

Tendo como ponto comum o traçado de feição iluminista, São Luís do Maranhão e Lisboa desempenharam papéis de relevância diferente nas diversas áreas

Valparaíso: A cidade está inserida na Lista do Património Mundial pelo seu Bairro Histórico.

É uma cidade colonial cujo desenvolvimento se centrou no fim do século XIX devido à atividade portuária e por ser um importante entreposto de rotas comerciais internacionais da costa do Pacífico Sul. O porto e



o seu tecido urbano sobreviveram como testemunhos dessa fase de globalização. Após a abertura do Canal do Panamá, em 1914, este desenvolvimento abrandou.

O conjunto histórico é composto por cinco bairros de arquitetura vernacular, com tecidos urbanos entrelaçados e desenvolve-se entre a zona plana costeira e as encostas íngremes circundantes, cujo acesso é feito através de diversos funiculares (ascensores).

Tal como Lisboa, o carácter de Valparaíso é marcado pela morfologia do seu território desde a frente ribeirinha, às margens estreitas e às colinas íngremes, nas quais se implantam tecidos urbanos diversificados de identidades diferenciadas. No entanto, estas características de paisagem urbana não evidenciam, à partida, a substancial diferença entre as duas cidades ao nível dos tecidos urbanos e estruturas arquitetónicas. Por um lado, estas diferenças resultam do contexto geocultural em que se inserem e, por outro, dos períodos históricos em que as duas cidades se desenvolveram. Apesar de ambas estarem relacionadas com a globalização estabelecida através do comércio marítimo, Lisboa ganhou protagonismo com os Descobrimentos, a partir do final do século XV, enquanto Valparaíso está relacionada com a globalização existente entre o final do século XIX e o princípio do século XX.

Conclusões sobre a comparação com bens idênticos

Para a demonstração do valor universal excecional do bem foram seleccionadas e comparadas cidades que se enquadram nas mesmas áreas temáticas, e que estão ou não inseridas nas Listas do Património Mundial, quer se situem no contexto geocultural nacional, quer internacional.

Tanto ao nível das cidades já inseridas na Lista do Património Mundial, ou inscritas na Lista Indicativa, como daquelas que não integram estas listas, nenhuma outra cidade reúne um conjunto patrimonial e uma paisagem urbana histórica com o significado cultural equivalente a Lisboa. No contexto nacional, quer o Porto quer Angra do Heroísmo apresentam património construído e paisagens urbanas que, historicamente, estão relacionadas com a atividade portuária que foi um dos seus principais fatores de desenvolvimento. Lagos também se desenvolveu sobretudo no século XV graças à atividade portuária mercantil. Em Lisboa, a este fator acresce a ampla e prolongada relação com a exploração marítima iniciada no século XV e o facto de ter sido capital do Império. Além disso, Lisboa apresenta tecidos urbanos de épocas distintas entrelaçados e adaptados de modo muito particular a um território de morfologia complexa, que tornam a sua paisagem urbana única.

No contexto internacional, Lisboa destaca-se entre as cidades portuárias analisadas pelo seu extenso envolvimento e, em larga escala, no comércio marítimo global e ainda pela excecional importância cultural que representa no quadro da exploração de novas rotas pelo mundo.



Tal como aconteceu em épocas passadas, Lisboa permanece uma capital ímpar quando comparada com outras cidades portuárias. Esta permanência reflete-se particularmente na conservação sustentável dos seus múltiplos valores culturais e exclusividade da sua paisagem urbana histórica.

Tendo em conta o universo significativo das cidades analisadas, conclui-se que a candidatura do bem proposto, pelo significado cultural que representa e conjunto de valores patrimoniais que reúne, apresenta todas as condições necessárias para preencher uma importante lacuna na Lista do Património Mundial.

Fases de evolução da frente ribeirinha

Adaptado de CARDOSO, Inês (2012), *Lisboa, a cidade e as muralhas: limites e articulações*



Fig. 01 – Limite da frente ribeirinha de Lisboa na época Pré-Histórica.



Fig. 02 – Limite da frente ribeirinha de Lisboa na época Romana.

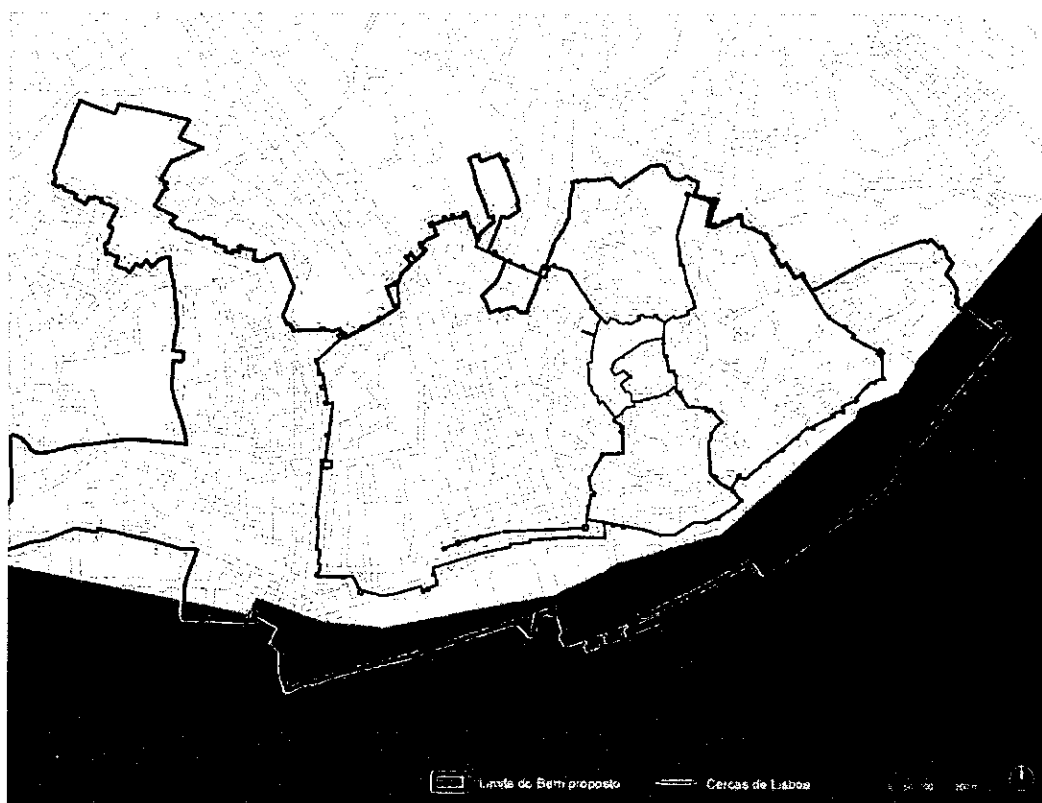


Fig. 03 – Limite da frente ribeirinha da Lisboa Medieval.

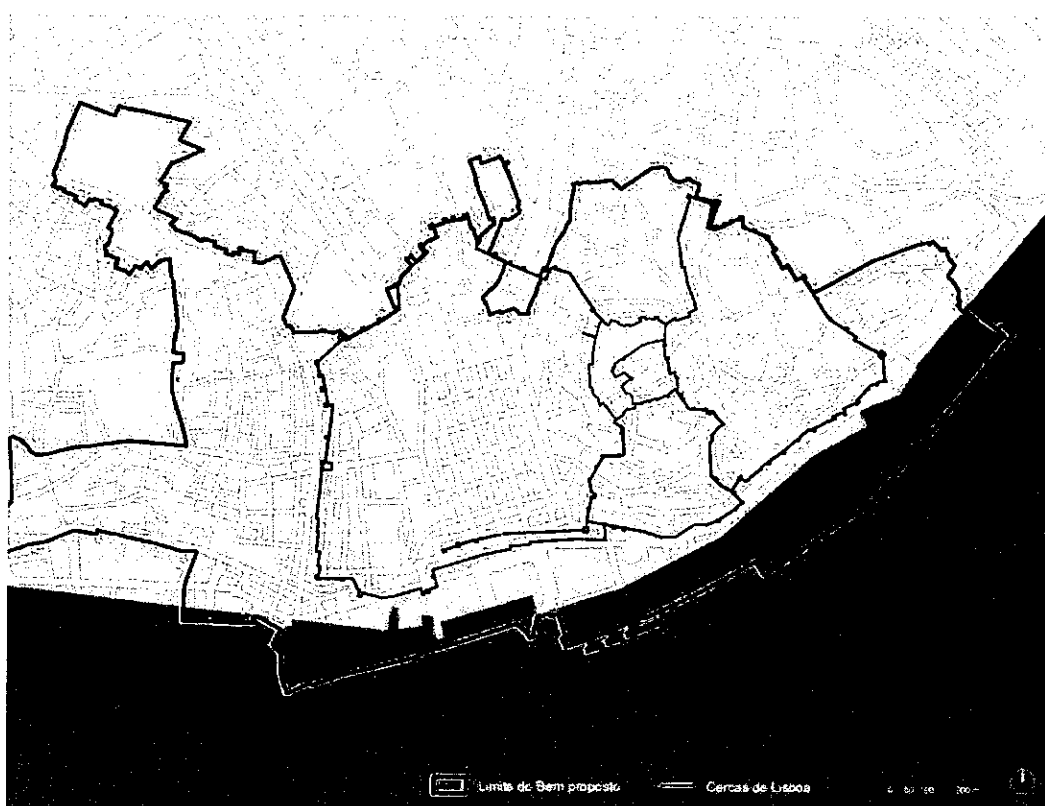


Fig. 04 – Limite da frente ribeirinha da Lisboa Manuelina.



Fig. 05 – Limite da frente ribeirinha da Lisboa Pombalina.



Fig. 06 – Limite da frente ribeirinha da Lisboa Oitocentista.

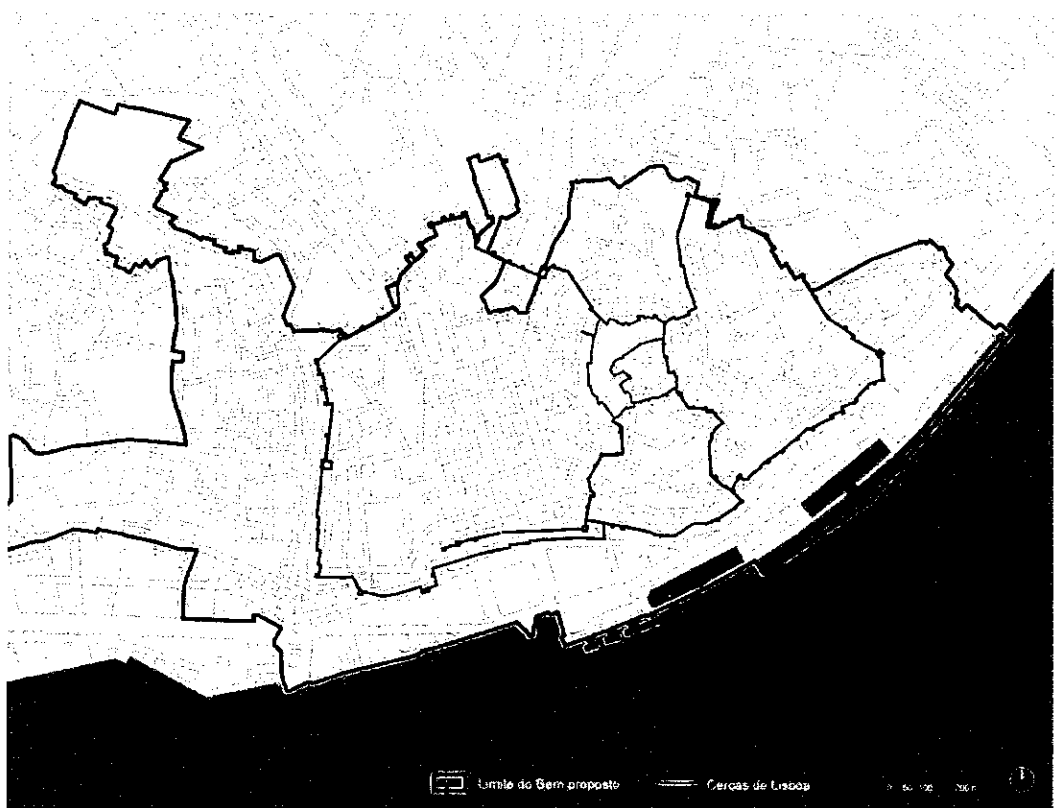


Fig. 07 – Limite da frente ribeirinha da Lisboa Novecentista.

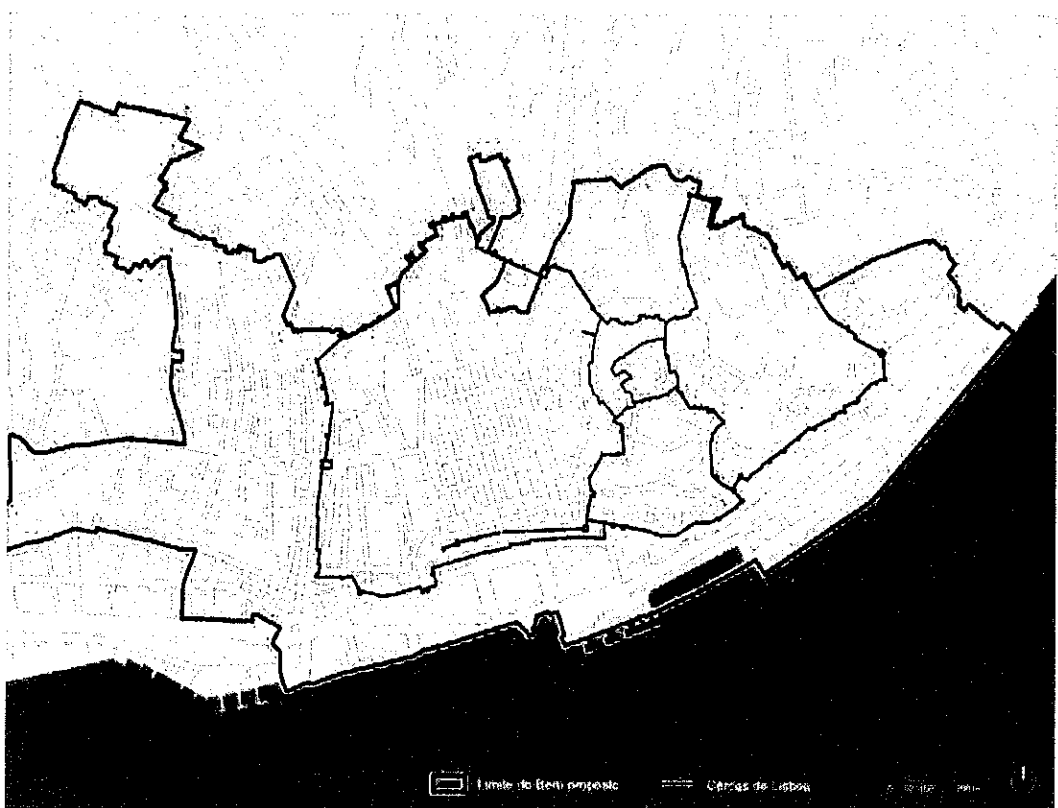


Fig. 08 – Limite da frente ribeirinha da Lisboa atual.